

## Alusões biográficas e trajetórias: entre esquemas analíticos e usos flexíveis

*Eliana Tavares dos Reis<sup>1</sup>*  
*Irllys Alencar F. Barreira<sup>2</sup>*

Uma mirada exploratória nas discussões em torno do uso e apropriações de “biografias” nas ciências sociais permite detectar o estatuto incerto, ambivalente e polissêmico que as caracterizam. E, antes disso, verificamos mesmo a raridade com que a noção ou categoria “biografia” aparece como referência de síntese nas discussões, pois, geralmente, elas são tomadas como sinônimo ou base para trabalhos orientados por diferentes tradições de estudos (das histórias de vida e oral aos estudos de trajetórias). De qualquer modo, a imersão na bibliografia direcionada à mobilização de dados biográficos traz à tona polêmicas suscitadas e flutuações de ênfases nas utilizações feitas ao longo do tempo, conforme as áreas específicas de conhecimento dos pesquisadores, suas preocupações e escalas de análise. Entre a biografia substancializada, em um polo, e a problematização das informações biográficas (que pode passar pela reflexão das autobiografias e memórias), em outro, passamos por empenhos na construção de biografias ou usos irrefletidos de dados e

fontes biográficas. No entanto, a constatação de François Dosse (2015, p. 11) permanece válida: “todas as gerações aceitaram a aposta biográfica” e “cada qual mobilizou o conjunto dos instrumentos que tinha à disposição”.

Situamos a perspectiva desse artigo no apanhado dessa pluralidade de ativações mais ou menos reflexivas da expressão biografia e seus correlatos conceituais, mapeando algumas tendências na produção recente das ciências sociais brasileiras e verificando pressupostos teóricos e metodológicos que mais se destacaram. Procuramos, ainda, apontar seus principais usuários e porta-vozes no Brasil.

Para tanto, em primeiro lugar, recorreremos à pesquisa no Scientific Electronic Library Online (SciELO), cuja base de dados permitiu observar artigos publicados em periódicos de ciências sociais, sobre distintos universos de investigação e produzidos por autores e autoras com diferentes filiações a áreas do conhecimento. É claro que isso significa abranger somente os periódicos considerados mais importantes, justamente por estarem indexados

- 
- 1 Eliana Tavares dos Reis é doutora em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Coordena o Laboratório de Estudos sobre Elites Políticas e Sociais, é autora do livro *Trajetórias, espaços e repertórios de intervenção política* (Editora Zouk, 2015), coautora do livro *Elites parlamentares e a dupla arte de representar* (FGV Editora, 2016) e de outras coletâneas sobre estudos de elites políticas e culturais (EDUFMA, 2016, 2014).
  - 2 Irllys Alencar F. Barreira é doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP) e professora titular de Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). É líder do Grupo de Pesquisa Lideranças, Representações e Práticas Políticas e autora de vários livros, entre eles: *Chuva de papéis: ritos e símbolos de campanha eleitoral no Brasil* (Relume Dumará, 1998); *Imagens ritualizadas, apresentação de mulheres em cenários políticos* (Pontes Editores, 2008); e *O labor criativo na pesquisa: experiências de ensino e investigação em ciências sociais* (Imprensa Universitária, 2017).

nessa “biblioteca eletrônica” (como é definido), e comportar apenas as publicações mais recentes, não dispondo de trabalhos seminais – dificultando observar processos/modificações mais longínquas em uma pesquisa de natureza genealógica. Mesmo com essas restrições, o SciELO se constituiu em um bom ponto de partida, com conjunto representativo de estudos que remetem à questão em pauta. Além disso, essa pesquisa exploratória tornou possível identificar algumas das principais referências acionadas nas discussões, os autores consagrados, os instrumentais mobilizados, as dimensões de análise e temáticas priorizadas.

Com base nisso, em segundo lugar, propomos discutir alguns dos marcadores teóricos e metodológicos fundamentais que sustentam as discussões e análises. Sem a pretensão de sermos exaustivas – pois sabemos que a amplitude da questão abre outras possibilidades de exploração analítica – retomamos algumas tradições de análise persistentes nos estudos nacionais, que não ficaram imunes às suas orientações analíticas e aos debates teórico-metodológicos importados de outras configurações históricas. Antes disso, os empregaram de forma flexível, adequando-os aos variados universos de análise quando voltados a evidenciar a presença e as características de atores sociais e políticos em conjunturas históricas diversificadas.

O fio condutor da exposição se ancora na percepção de que a discussão sobre o lugar epistemológico das biografias cedeu espaço às disputas sobre os usos de dados biográficos. Desse modo, as alusões biográficas funcionam como “pretexto” (no duplo sentido) para a afirmação de noções como história de vida, história oral, carreira e trajetória. A rotinização constatada do emprego (mais ou menos rigoroso) dessa última noção coloca

em primeiro plano a centralidade da posição de Pierre Bourdieu e da sociologia francesa no debate, bem como dos circuitos de difusão da sua obra no país.

### **Distribuição da produção recente sobre estudos biográficos ou dos usos de biografias nas ciências sociais brasileiras**

Para pensar nos usos e apropriações de “biografias” nas ciências sociais brasileiras, nossa porta de entrada foi o levantamento feito na base de dados SciELO. Começamos, então, pesquisando essa categoria. Porém, foram escassas as ocorrências de artigos que a registraram nos seus títulos, resumos e palavras-chave. Por isso, decidimos testar a localização de outras ocorrências que, de algum modo, são percebidas como estudos biográficos ou utilizam sistematicamente as informações biográficas nas suas investigações. Portanto, visando englobar um universo mais amplo de artigos, com referências analíticas e procedimentos metodológicos relativamente semelhantes, optamos por explorar, em todos os índices disponíveis, outras cinco orientações: “histórias de vida”, “história oral”, “carreiras”, “perfis” e “trajetórias”<sup>3</sup>.

Considerando os periódicos em geral indexados, a quantidade foi bastante alta: 5.592. Restringindo a pesquisa para periódicos brasileiros, a quantidade diminuiu para 3.724 casos. Aplicou-se, então, um filtro ainda mais forte, para melhor delimitação do universo, mais compatível com os objetivos da discussão que propomos: a seleção somente de periódicos de ciências sociais e história. Trata-se de uma definição de áreas relacionadas à já sabida tradição desses tipos de estudos biográficos voltados ao *indivíduo* e aos *eventos*.

3 Observamos uma variação quando os termos são colocados no singular (menor ocorrência) e quando são colocados no plural (maior ocorrência). Neste teste, abarcamos o maior número possível de casos.

Chegamos, assim, a uma distribuição na qual fica claro que os mais baixos índices, em todos os níveis, são de trabalhos que mobilizam a etiqueta “biografia”, em contraposição às altas frequências de discussões que se associam aos estudos de “trajetórias” (fundamentalmente baseadas no uso de dados biográficos) – com pequena variação quando tomamos o montante total de artigos armazenados no SciELO. Tanto quando consideramos a quantidade geral de artigos como quando visamos os periódicos brasileiros, a hierarquia dos mais frequentes se mantém: os “perfis” em primeiro lugar (respectivamente 2.164 e 1.833 ocorrências), as “trajetórias” em segundo (1.084 e 775, respectivamente) e a “história oral” (1.000 e 504) e “história de vida” (864 e 346) em terceira e quarta posições. Observamos que há diminuição dessas duas últimas, que é ainda maior

quando consideramos somente os periódicos de ciências sociais e história. E, nesse caso, mais acentuada é a queda da frequência de “perfis” e a ascensão das “trajetórias”. O Quadro 1 permite comparar os dois extremos dos filtros aplicados:

É interessante observar que, não raramente, os artigos associam seus estudos de “trajetórias” a outra das demais rubricas (ou vice-versa), ocorrendo um leve aumento das frequências de “biografias” e das “carreiras”, principalmente uma relativa ampliação em todas elas, quando atentamos às décadas das publicações. Os primeiros artigos localizados no SciELO foram publicados no final da década de 1980 (dois sobre “histórias de vida”, ambos na revista *Tempo Social*, sendo um sobre mulheres e o outro sobre identidade étnica e política<sup>4</sup>). A maior consistência de publicações sobre “trajetórias” acontece a partir de 2006 e 2007. O Quadro 2 é ilustrativo.

**Quadro 1**  
**Distribuição das palavras-chave**

	<b>Biografias</b> (%)	<b>Histórias de vida</b> (%)	<b>História oral</b> (%)	<b>Trajetoórias</b> (%)	<b>Carreiras</b> (%)	<b>Perfis</b> (%)
Quantidade geral	3,5	15,4	17	19,4	5	39,7
Periódicos das ciências sociais e história	6,7	10,8	9,1	51,4	13,2	39,7

Fonte: Elaboração nossa com base nos dados do SciELO<sup>5</sup>.

**Quadro 2**  
**Distribuição das categorias por períodos**

<b>Anos de referência</b>	<b>Biografias</b>	<b>Histórias de vida</b>	<b>História Oral</b>	<b>Trajetoórias</b>	<b>Carreiras</b>	<b>Perfis</b>
1989-1999	0	4	2	4	0	1
2000-2006	0	7	8	26	4	4
2007-2016	21	29	21	131	40	24
2017(parcial)	1	2	0	8	1	1

Fonte: Elaboração nossa com base nos dados do SciELO<sup>6</sup>.

4 O primeiro é de Elizabeth Souza Lobo (1989), sobre “Experiências de mulheres: destinos de gênero”, e o segundo é de Eva Blay (1989), intitulado “Inquisição, inquisições: aspectos da participação dos judeus na vida sócio-política brasileira nos anos 30”.

5 Acesso entre setembro e outubro de 2017.

6 Acesso entre setembro e outubro de 2017.

Com base nessas informações, atentamos à distribuição desses artigos nos periódicos específicos das ciências sociais e da história nos quais tais registros apareceram. Chegamos a 26 revistas com a seguinte ordenação dos 341 artigos identificados: *Cadernos Pagu* (30), *Revista Estudos Feministas* (25), *Revista de Sociologia e Política* (24), *Horizontes Antropológicos* (23), *Tempo Social* (23), *Revista Brasileira de Ciências Sociais* (21), *História* (São Paulo) (18), *Caderno CRH* (17), *Mana* (15), *Revista Brasileira de Ciência Política* (15), *Sociologias* (15), *Lua Nova: Revista de Cultura e Política* (13), *Tempo* (13), *Revista Brasileira de História* (12), *Topoi* (Rio de Janeiro) (12), *Opinião Pública* (11), *Varia Historia* (11), *Sociedade e Estado* (10), *Sociologia e Antropologia* (9), *Sociologia* (2), *Dados* (7), *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro) (7), *Novos Estudos Cebrap* (6), *Revista de Antropologia* (1) e *Etnográfica* (1). Considerando as áreas às quais os periódicos são ligados, 125 (37%) artigos estão em revistas voltadas às diferentes áreas das ciências sociais (ou seja, publicam artigos de sociologia, antropologia, ciência política e híbridos); 73 (21,4%) em periódicos de história; 63 (18,5%) de ciência política; 40 (11,7%) de antropologia; e 40 (11,7%) de sociologia.

Evidentemente, há uma gama imensa e diversificada de temáticas tratadas, mas estabelecemos algumas categorias por universos de análise privilegiados nos textos, e excetuamos os estudos que as aplicaram de forma mais geral ou metafórica, geralmente para falar de eventos, processos, condições, conjunturas e fases definidas como “outros”<sup>7</sup>. Suspendendo a análise desses casos, ficamos, então, com um universo de 292 artigos classificados em

dezessete categorias (por ordem de frequência): “mulheres”; “outros gêneros”; “intelectuais”; “políticos”; “profissionais”; “militantes”; “crianças/jovens”; “trabalhadores”; “étnicos”; “agricultores”; “juristas”; “velhos”; “teóricos/metodológicos”; “regimes/instituições”; “eclesiásticos/religiosos”; “escravos”; “militares”.

Levando em conta que dois dos periódicos que contemplam publicações em geral das diferentes áreas das ciências sociais são voltados a temáticas de gênero (*Cadernos Pagu* e *Revista Estudos Feministas*), não é de se estranhar que o universo mais frequentemente tratado seja o de “mulheres”, estudadas enquanto intelectuais, políticas, militantes, profissionais etc.<sup>8</sup>. São 66 (22,6%) artigos, cuja maior incidência (41 – 14%) está nos periódicos de ciências sociais, aparecendo de forma relativamente bem distribuída nas áreas específicas. Também há quatro (1,4%) trabalhos que chamamos de “outros gêneros”, pois versam sobre travestis, transexuais, sexualidade e corpo. O segundo universo mais frequente é dos “intelectuais”: são 38 (13%) e, mais recorrentemente, publicados em periódicos de ciências sociais (16); em segundo lugar, de história (9), a mais baixa é em revistas de antropologia (2). Estes são seguidos, empatados na terceira posição, pelos “políticos” e “profissionais”, com 32 (11%) ocorrências cada. Entre os primeiros há alta acumulação em periódicos propriamente de ciência política (23), seguidos de longe por artigos na história e em periódicos de ciências sociais. Os “profissionais” encontram-se distribuídos em todas as áreas, provavelmente devido à abrangência da categoria e da sua aplicação para autônomos, empresários, investigadores, *experts*, artistas etc.

7 Foram 49 (14,4%) artigos assim classificados, sendo que, destes, 16 (32%) foram publicados em periódicos de ciências sociais e 12 (25,5%), especificamente, em revistas de ciência política.

8 Tomamos primeiro o corte de gênero, pois a declaração nas bases de apresentação do texto informa o seu primado frente à qualificação que o acompanha.

Na categoria “militantes” (movimentos sociais, ativismo transnacional, luta pela terra, meio ambiente, direitos humanos, exílios, guerrilheiros etc.), encontramos a frequência de 24 (8,2%) textos, sendo mais usual em periódicos de história (11), seguindo com distribuição relativamente equilibrada nos demais. Em sexto lugar, há 21 (7,2%) artigos que investigam “crianças/jovens”, com a maior incidência (11) em periódicos de ciências sociais, geralmente abordados em relação ao mundo escolar e à formação educacional. Eles são seguidos pelos “trabalhadores” e “étnicos”, com 14 (4,8%) artigos cada. Os primeiros comportam aqueles que desenvolvem atividades no meio urbano (indústria, serviço público, construção civil, ferroviários, desempregados etc.) e são mais abordados em periódicos das ciências sociais e da sociologia (6 e 5, respectivamente), estando o restante distribuído nas demais áreas. Quanto aos étnicos (referentes a imigrantes em geral, bem como negros e africanos), a frequência é maior em periódicos de história (9) estando o restante relativamente distribuído em quase todos os demais, não havendo nenhuma ocorrência em revistas de ciência política.

As demais temáticas são as que têm menor incidência. Os “agricultores” (contemplando camponeses, lavradores, estancieiros, patronato) são nove (3,1%) casos, com concentração em periódicos de história (6) e inexistindo nos de ciência política e antropologia; os “juristas” são oito (2,7%) e não aparecem em periódicos de antropologia e história; “velhos” são sete (2,4%) e não se encontram referidos em periódicos de ciência política e sociologia; “teóricos/metodológicos” são seis (2%), distribuídos equilibradamente para sociologia, antropologia e história; “eclesiásticos/religiosos” são cinco (1,7%) e bem distribuídos em todas as áreas; “escravos” e “militares” são três (1%) cada, todos os primeiros em periódicos de história, e os segundos divididos em história e ciência política.

Conjugando essas temáticas aos tipos de estudos mais frequentemente acionados para cada um dos universos, como foi dito no início, as trajetórias predominam com 51,4% dos trabalhos, sendo majoritárias nos artigos sobre os seguintes universos: “mulheres” (estando em segundo lugar as carreiras, acompanhadas de perto das histórias de vida); “intelectuais” (para os quais o segundo tipo mais frequente são as biografias); “agricultores”, “étnicos” e “militantes” (têm a história oral na posição seguinte); “crianças/jovens” (também recorrentemente tratados pela história de vida); e “profissionais”, “teórico/metodológicos”; “eclesiásticos/religiosos” e “trabalhadores” (para os quais não há concentração em um tipo específico de estudos depois das trajetórias). Entre os artigos sobre “políticos” – e acontece o mesmo para os “militares” – é muito próxima a frequência de trajetórias e carreiras (aparecendo, para esses últimos, os perfis em terceiro lugar). Para “escravos” e “outros gêneros” não há acúmulo de estudos de trajetórias, mas uma distribuição relativamente equilibrada nos diferentes tipos. Já para os “juristas”, o primeiro lugar é das carreiras e, depois, os perfis e, para os “velhos”, as maiores incidências são da história de vida e história oral, com somente uma ocorrência para trajetórias.

O levantamento realizado nas bases do SciELO revelou alguns eixos a serem explorados, dos quais grifamos ao menos três. Em primeiro lugar, a ausência de um campo delimitado de estudos biográficos e a existência de uma multiplicidade de usos e apropriações alusivas das informações biográficas, favorecendo uma ampliação e diversificação da discussão. Em segundo lugar, foi possível perceber algumas regularidades entre os tipos de estudos empregados, as temáticas priorizadas e a confluência com as diferentes áreas das ciências sociais. Em terceiro lugar, a consideração dos anos de publicação possibilitou detectar a

preponderância progressiva dos estudos de trajetórias e, em menor grau, dos de carreiras, em detrimento das reflexões sobre história de vida e história oral (que são mais frequentemente mobilizadas entre pesquisadores da história e da antropologia, em trabalhos sobre uma variedade de universos, como “militantes”, “mulheres” e “velhos”).

Desse último ponto, quando examinamos os textos, tanto os de revisão teórica e metodológica encontrados como os demais, outros dois aspectos são relevantes. O primeiro é referente à noção de carreira, que aparece em diferentes tipos de estudos, para diversos universos e com distintas aplicações. *Grosso modo*, verificamos, de um lado, o recurso a autores da chama Escola de Chicago para estudos de determinados universos (como “profissionais”, “militantes” e “crianças/jovens”) nos quais as biografias dos atores são observadas de uma perspectiva mais situacionista, subjetivista, institucionalista e internalista, frequentemente apropriadas na antropologia e sociologia. De outro lado, observa-se a presença da mesma noção costurada ao modelo bourdieusiano, sobretudo baseado na sociologia política francesa, para o exame de agentes relativamente bem situados em diferentes esferas sociais (especialmente forte nos trabalhos sobre “mulheres”, “políticos”, “intelectuais”, “militares”, “profissionais”, entre outros), selecionados a partir de estudos sociográficos e prosopográficos. A tendência constatada é a de que essas pesquisas são realizadas principalmente por pesquisadores da ciência política e sociologia.

De qualquer modo, há claramente o domínio dos modelos europeus, notadamente franceses, na pauta de discussões e operacionalização dos trabalhos, e o aumento exponencial de estudos de trajetórias e das referências a Pierre Bourdieu. Ele é negavelmente um dos autores mais lembrados nas ciências sociais e em outras áreas do conhecimento. Conforme

levantamento feito por Bortoluci, Jackson e Pinheiro Filho (2005, p. 217), no Sistema Lattes, Bourdieu fica em terceiro lugar como o autor mais citado nas ciências humanas e sociais (766 ocorrências), assumindo a primeira posição quando se considera apenas a sociologia, e o segundo lugar quando se trata das citações mais frequentes nos artigos publicados no SciELO. Essa constatação vai ao encontro dos altos índices que verificamos, em levantamento feito na mesma base de dados, sobre as referências ao estudo de trajetórias. Nos artigos voltados a discussões específicas e mais conceituais sobre biografias, Bourdieu é mencionado, mesmo que seja para contestar suas críticas a determinados usos das “histórias de vida”.

Sendo assim, para melhor situar essas indicações, ter mais indicadores do lugar das “biografias” nas ciências sociais e história e tentar qualificar um pouco mais as bases que alicerçam os trabalhos no Brasil, propomos retomar alguns dos referenciais que mais frequentemente são mobilizados nas discussões, localizadas a partir do levantamento, sobretudo daquelas de cunho bibliográfico, teórico e metodológico. Somamos a isso a possibilidade de recolocar aspectos e desdobramentos consagrados nas discussões sobre o percurso dos estudos biográficos e do uso de dados biográficos nas ciências sociais em geral. Podemos observar a afirmação de modelos analíticos que trazem consigo não apenas a circunscrição de dimensões, instrumentais, ênfases de análise e de fronteiras disciplinares, como indicam os universos de investigação a serem privilegiados. E, ainda, pontuar elementos da importação dessas discussões e delimitações nas ciências sociais brasileiras. Mesmo que de forma bastante sumária e geral, indicamos alguns dos principais pesquisadores e tipos de pesquisas, que os aplicam e se constituem mesmo, nas últimas décadas, como referências nacionais primordiais.



## História, biografias dos indivíduos e a força das representações

Neste momento, propomos uma breve discussão sobre a ligação genética entre história e biografia, que pode estar na base da associação espontânea entre os estudos biográficos e as abordagens da história oral e de história de vida. De um lado, a necessidade de constante retomada e sustentação da relevância desses tipos de estudos indica seu caráter “historicamente incerto”, de outro, o lugar atribuído aos indivíduos e às narrativas de suas experiências singulares oportuniza interlocuções com outras predileções disciplinares, principalmente com perspectivas vindas da filosofia e desdobramentos no campo da antropologia.

A partir do artigo publicado pela historiadora Marieta de Moraes Ferreira (2002) na revista de história *Topoi*, podemos seguir a trilha do processo de institucionalização da história como disciplina na França, sobretudo a partir do final do século XIX, quando a “elite republicana” teria se dedicado ao trabalho de construção da memória nacional. A garantia do caráter cientificista da produção dos “historiadores profissionais” (em oposição aos “ensaístas”) estava associada à distância temporal dos acontecimentos descritos retrospectivamente. Assim, o estudo do “passado”, amparado em documentos devidamente arquivados e catalogados, afirmou-se como competência necessária à distinção do amorosismo que reinaria entre aqueles que recorriam aos “depoimentos diretos”, aos relatos e acontecimentos do presente. No fundamento da chamada abordagem *événementielle* (dos acontecimentos “em si” ou factuais) estaria igualmente a consagração biográfica das figuras ilustres (políticas e militares), dos seus “feitos” e dos eventos marcantes. Conforme Levillain (1996), havia uma dificuldade histórica de separar o trabalho do historiador (feita de acontecimentos coletivos, usando o

gênero narrativo para reconstituir eventos e demonstrar mudanças) daquele do biógrafo (feita a partir dos “fatos e gestos de um indivíduo” para consagrá-lo, portanto originalmente ligada ao panegírico, não verificável e baseada no gênero descritivo); a diálise entre história e biografia colaborou mais decisivamente para a afirmação da segunda como gênero do que para a o reconhecimento da história como disciplina e ciência no século XIX.

A emergência de discussão mais sistemática sobre a relação entre biografia e história, depois da Primeira Guerra Mundial – sobretudo com a publicação, em 1929, dos *Aspects de la biographie*, de André Maurois, “em nome de um método positivista” e “envolto num estilo laudatório” (LEVILLAIN, 1996, p. 157) – foi obscurecida pela ascensão dos argumentos dos historiadores ligados à *École des Annales*. Diferentemente das preocupações anteriores e com outra forma de representação do “tempo histórico”, o alvo passava a ser as dimensões econômicas e sociais mais amplas, atenta às estruturas estáveis, verificadas em processos de longa duração e com atores coletivos. Para tanto, seus expoentes propunham a incorporação de técnicas de quantificação, aplicadas a partir de uma diversificação de fontes, como “listas de preços, de salários, séries de certidões de batismo, óbito, casamento, nascimento, fontes notariais, contratos, testamentos, inventários”, com base nas quais pretendiam verificar “os condicionamentos econômico-sociais das ações e decisões individuais, a sociedade global e as massas, as condições materiais, e não os projetos individuais, subjetivos e ideológicos” (REIS, 2000, p. 23). Suas abordagens seguiam priorizando o “passado” e as fontes escritas, porém tratava-se de evitar as intersecções (com a literatura) e se afastar das perspectivas laudatórias (de abordagem moral, ideológica e testemunhal), que favoreciam os personagens das elites no poder, delimitando, assim, os limites da autonomia de uma história

que seria propriamente científica ou de uma história como ciência social<sup>9</sup>.

Durante algumas décadas as discussões sobre biografias e histórias de vida arrefeceram-se tanto para os historiadores como para os cientistas sociais, a ponto de Le Goff e Nora (1974), na organização do seu *Faire de l'Histoire*, decretarem a “excomunhão da biografia” em nome da renovação da história tradicional, propondo, nos três volumes publicados, novas abordagens, técnicas, fundamentos epistemológicos e objetos de estudo. Entretanto, foi no final dessa mesma década e nos anos 1980 que ocorrera a reincorporação dos trabalhos sob essa rubrica (no campo de estudos das ciências humanas), revigorando debates sobre procedimentos e estratégias metodológicas, bem como dimensões de análise a serem privilegiadas. Como veremos subsequentemente, para as ciências sociais, tal reabilitação se relaciona com a centralidade que os relatos e informações biográficas conquistaram entre cientistas sociais localizados em diferentes contextos nacionais (principalmente na Alemanha, nos Estados Unidos e na França), com suas ressonâncias nas apropriações de pesquisadores brasileiros.

Ferreira (2002, p. 319) ressaltou como, a partir da década de 1980, os distintos domínios da pesquisa histórica passaram por modificações consistentes, com o revigoramento da análise qualitativa e o resgate da “importância das experiências individuais”, das “situações vividas” e “singulares”. Essa perspectiva redundou em “novo impulso à história cultural, um renascimento do estudo

do político que se incorporou à história o estudo do contemporâneo” (Ibidem).

Provavelmente, no Brasil, acompanhando movimentos globais, o resgate das experiências guarda relação com os processos de redemocratização do país, com a entrada em cena de protagonistas e porta-vozes (incluindo pesquisadores), formados por versões de marxismo e valorização da “sociedade civil”<sup>10</sup>, preocupados com a história de personalidades anônimas, protagonistas de uma “história da resistência”. Conforme situado em Barreira (2003), os movimentos sociais foram considerados agentes ativos de processos sociais, fazendo um contraponto entre estrutura e experiência. Em vista disso, as trajetórias de lideranças operárias, de movimentos de bairro e outras organizações coletivas ganharam notoriedade, sendo enfatizada a lógica de atores e processos subjacentes de mudança social. Uma lógica de “subversão das estruturas” reforçou a preocupação com determinados atores e grupos, fertilizando críticas a modelos teóricos considerados deterministas, transformando as trajetórias e biografias em peças vivas de manifestação da dramaturgia social.

Dessa maneira, os depoimentos foram particularmente utilizados nas ciências sociais como modo de recuperar não apenas trajetórias individuais, mas contextos históricos de referência, incluindo profissões, ideologias, processos de mudança etc. Aspásia Camargo (1982), influenciada pela tradição francesa, se situou no “estudo das elites” para retomar as biografias de políticos, sendo observadas as relações entre ciclos de vida e momentos históricos. Ela cotejou

---

9 Na disputa pela imposição dos sentidos e definições da história, dos limites legítimos do fazer historiográfico, e pela consolidação de reconhecimento intelectual, os historiadores da *École des Annales* aplicaram-se a rechaçar as exaltações biográficas dos indivíduos, reivindicando que a história só faz sentido quando desvelada pelos historiadores. Dessa forma, substituíam “as limitações da cronologia linear pela cronologia como pano de fundo”, visando testar hipóteses com base na “determinação de regularidades e de sistemas de relações” (LEVILLAIN, 1996, p. 158).

10 Sobre a trajetória de militantes que lutaram contra a ditadura, a afirmação das ciências humanas e sociais, bem como de porta-vozes formados em versões de marxismo, que conquistam reconhecimento indissociavelmente intelectual e político, ver Reis (2015).



igualmente as lideranças camponesas, pontuando que, embora as motivações de representação política fossem convergentes, ambas apontavam referências culturais específicas provenientes da condição social. Os termos “elite” e “massa” vinham acionados para identificar a diversidade de comportamentos associados a padrões culturais. Por essa via, Camargo criticou a concepção estatística por meio da história de vida como recurso de investigação, considerando que o que se perderia em “representatividade” se ganharia em “inteligibilidade”.

Maria Izaura Pereira de Queiroz (1988) também problematizou a ênfase nos métodos quantitativos para acentuar que as histórias de vida foram consideradas úteis para registrar aquilo que ainda não havia sido objetivado em documentos. E pontuou a dimensão da preservação da memória, muito embora fosse alvo de críticas, pois, supostamente, tais depoimentos poderiam ser considerados “infieis”, porque contaminados pela psique individual<sup>11</sup>.

Tais formulações influenciaram na formação de uma geração de intelectuais. A partir da década de 1990 houve investimentos consistentes na realização de eventos para discutir história oral, em publicações<sup>12</sup>, na formação de redes com investigadores estrangeiros e na criação, em 1994, da Associação Brasileira de História Oral, entre outros empreendimentos, em oposição à diminuição desse recurso de investigação que experimentava as ciências sociais.

Com esses movimentos, os usos da história oral e história de vida eram delineados não apenas como técnica, incursionando também

no debate teórico e na crítica dirigida às abordagens estruturais, que desconsideravam a primazia dos sentidos atribuídos às relações sociais no espaço das interpretações.

Uma ponderação, geralmente retomada nas revisões acerca das histórias de vida, é sobre a distinção proposta por Ferreira (2002) entre, de um lado, seu uso complementar a outras fontes, como forma de “preencher lacunas” por meio da realização de entrevistas com roteiros, de maneira a garantir alguma objetividade e controle da pesquisa e, de outro lado, os depoimentos de caráter mais espontâneo, valorizados como foco de “representações” que desvelam o lugar da “memória” e da “história” nas reconstituições do “passado”. Por esse motivo, as “subjetividades”, inconsistências e distorções não são consideradas “elementos negativos”, pois “a veracidade dos depoimentos não é a preocupação central” (FERREIRA, 2002, p. 327-328).

No entanto, destaca-se na linha de frente um conjunto diversificado de estudos sobre segmentos das elites políticas, cuja ênfase nos dados biográficos tem se amparado na seleção, classificação e divulgação feitas pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), criado em 1973. Outro aporte dessa perspectiva realça os trabalhos sobre “memória de operários, trabalhadores fabris, seringueiros amazônicos, migração de camponeses, educação de mulheres, histórias de vidas de presidiários, entre muitos outros” (SANTOS; OLIVEIRA; SUSIN, 2014). As principais colaboradoras do CPDOC foram responsáveis pela elaboração de dicionário (biográfico) sobre

11 Uma referência importante foi o trabalho, publicado originalmente em 1978, do sociólogo Paul Thompson (1992), para o qual a história de vida seria compreendida como parte singular de uma totalidade. Perguntando-se sobre como se efetivavam as relações entre empregados e empregadores, como a consciência de classe variava entre cidades, países e profissões, o autor postulou a necessidade de construir uma teoria de modo processual, passo a passo, junto com a descoberta de fatos, relacionando economia, ideologia e família, por exemplo.

12 Do final da década de 1980 há, por exemplo, as publicações de Alberti (1989) e von Simson (1988), e as várias coletâneas sobre o tema produzidas a partir dos eventos, como Ferreira (1994), Ferreira e Amado (1996) e Moraes, Fernandes e Alberti (2000). Muitos deles são feitos a partir do Centro de Pesquisa e Documentação de História contemporânea do Brasil (CPDOC).

a história do Brasil no período após 1930. A maioria delas – pesquisadoras e porta-vozes da aplicação da “história oral” e “história de vida” –, ambivalentemente, alimentou esse repositório das “figuras ilustres” (portanto inevitavelmente de caráter laudatório) para disponibilizá-lo aos variados usos, sobretudo políticos e acadêmicos. E buscaram informações a partir de entrevistas, pensadas como situações de interação e influência mútua entre entrevistador e o entrevistado. Nesse sentido, a construção biográfica é concebida como manifestação “coerente” e “substantiva” com a “narrativa de experiências de vida produzida no contexto de uma entrevista de história oral” (ALBERTI, 2012, p. 165).

No bojo desses movimentos, entre os artigos localizados no levantamento feito, podemos citar como exemplares de trabalhos de *história oral*: Araújo (2002), Cardoso (2004) e Adão (2010). Entre os de *história de vida*, destacamos os trabalhos de Farias (2009), Hartmann (2014) e Guedes (2014).

Também localizamos o artigo recente de Maria da Glória Oliveira (2017), com o título provocador: “Quem tem medo da ilusão biográfica? Indivíduo, tempo e histórias de vida”, portanto, tendo como eixo o artigo de Bourdieu, publicado justamente em coletânea organizada por Ferreira e Amado (1996), intitulada *Usos & abusos da história oral*. A historiadora contesta os argumentos de Bourdieu como interdições, que deveriam ser superadas para recolocar a centralidade hermenêutica do “indivíduo”, sobretudo por meio da ideia *identidade narrativa* cunhada pelo filósofo francês Paul Ricoeur. Ao contrário, Carvalho (2003), psicologia, com pós-graduação

em educação e pós-doutorado em antropologia, compatibiliza sem receio muitas das dimensões de análise disponíveis no modelo analítico de Bourdieu com as perspectivas de autores como Clifford Geertz, Jerome Bruner, Ricoeur e Hans-Georg Gadamer. Tendo estudado “trajetórias no campo ambiental”, a autora empenhou-se particularmente em sustentar a relevância das proposições de Ricoeur e Gadamer para os estudos que mobilizam métodos biográficos. Considera a pesquisadora que essa contribuição “reitera a fronteira entre sujeito e história como o ambiente epistêmico por excelência da pesquisa biográfica e rompe com uma possível orientação realista” (CARVALHO, 2003, p. 293). Particularmente, trata-se de considerar os relatos biográficos como tipos de narrativas (individuais) que amarram simbolicamente as inter-relações “sujeito” e “história”, assim como entre “acontecimentos e sua reconfiguração na tessitura de vidas narradas” (Ibidem).

O modelo proposto, de certo modo, se aplica à discussão de Gonçalves, Marques e Cardoso (2012), que reflete as várias combinações de matrizes, instrumentos e universos de análise privilegiados na antropologia, na filosofia e na história, para sustentar a intersecção entre etnografia e biografia. Para eles, as narrativas, em sua função de agenciamento, traduziriam experiências do mundo, levando a problematizar “como o conceito de etnobiografia afeta, necessariamente, não só o modo como tratam as histórias que os sujeitos etnografados contam, mas também como os pesquisadores contam suas histórias etnográficas sobre essas histórias e seus personagens-pessoas” (Ibidem, p. 10)<sup>13</sup>. Apoiando-se

---

13 Problematicando de modo mais radical os conceitos abrangentes e substantivados que opõem o individual e o coletivo, o sujeito e a cultura, abrindo, assim, espaço para a individualidade, Gonçalves, Marques e Cardoso (Idem) defendem que o exercício de “etnografar uma biografia” se constituiria em uma missão relevante, tendo em vista verificar com acuidade as condições de realizar uma biografia, assim como a importância da narrativa na vida cotidiana dos próprios contadores. Essa concepção, mais desvinculada da ideia de representatividade objetivista, permitiria relativizar o caráter de “veracidade” como foco da questão, recompondo com mais vigor a dimensão de singularidade fortalecida nos ideais de objetividade, também parte significativa da narrativa científica.

também em Geertz, Brune, Ricouer, Gadamer e Bourdieu, entre muitos outros, Gonçalves, Marques e Cardoso (Idem) fazem referência ao argumento de Queiroz (1988) sobre o lugar do narrador “que, em última instância, decide o que é relevante ou não para ser tomado como fundamentação de sua narrativa, sobretudo o modo como organiza os eventos e o modo com que se pronuncia ou silencia sobre determinados fatos” (GONÇALVES; MARQUES; CARDOSO, 2012, p. 23). Estabelecendo a necessidade de problematizar e “repensar a tensa relação entre subjetividade e objetividade, pessoa e cultura” (Ibidem, p. 20), os autores lembram que “este modo de pensar o biográfico e o social” é semelhante às conceitualizações de Simmel sobre os “dualismos contraditórios que, positivamente, constituem a vida social” (Ibidem), e as formulações de Elias acerca do peso dos constrangimentos sociais sobre os processos diferenciados de individualização.

### **Contribuições da tradição sociológica alemã e a ênfase da Escola de Chicago**

Nas reflexões sobre biografias ou usos de informações biográficas é comum a demarcação da Escola de Chicago como veio da restituição temática no âmbito das ciências sociais, particularmente na sociologia e na antropologia. É igualmente persistente o assentamento das influências da tradição alemã sobre os pesquisadores envolvidos nessa reabilitação. Howard Becker (1996) assinalou que os escritos de Georg Simmel vinham sendo traduzidos em Chicago desde antes de 1900 e muitos deles eram publicados na *American Journal of Sociology*. Isso graças ao interesse dos sociólogos americanos, geralmente de formação protestante, “na reforma social, voltado para o equacionamento dos problemas sociais que afligiam as grandes cidades americanas” (Ibidem, p. 178).

A influência de Georg Simmel já havia sido assumida por seu contemporâneo, Max

Weber, ao pensar a *forma social* para tipos de socialização, combinando dimensões da organização social e das orientações das ações individuais, visando estabelecer a diferença e superar (conforme o estágio de desenvolvimento do mundo ocidental) a distinção que havia sido estabelecida por Ferdinand Tönnies entre a *Gemeinschaft* (comunidade) e a *Gesellschaft* (sociedade). Assim, a contribuição de Simmel residiria na possibilidade de lidar com diferentes níveis, individual e coletivo, de análise das formas possíveis de socialização e sociabilidades, das subordinações, subjetividades e conflitos emergentes em condições de pluralidade, diversificação, especialização, enfim, de complexificação crescente da vida em sociedade.

Do mesmo modo, é notória a centralidade das formulações de Alfred Schütz no mesmo campo epistêmico. Podemos sublinhar a importância da sua *teoria da relevância* para determinados estudos de biografias orientados pela ideia de que “qualquer narrativa é uma interpretação realizada a partir de uma situação biográfica específica, uma vez que uma biografia é uma descrição de processos e experiências vinculadas pelo próprio indivíduo” (SANTOS; OLIVEIRA; SUSIN, 2014, p. 374). Dessa forma, ganham relevo os “processos interpretativos” nos quais os indivíduos manipulam “estoques de conhecimento” para “atribuir sentido” às suas ações e experiências e, conseqüentemente, definir suas decisões (SCHÜTZ; LUCKMANN, 1973).

Em consonância, Peter Berger e Thomas Luckmann (2004) publicaram *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*, em 1966, para compreender como os atores individuais e coletivos constroem suas realidades históricas e cotidianas. Dubar e Nicourd (2017, p. 47-55) assinalaram a centralidade das interações na composição da linguagem, que funciona como “meio de interiorização das categorias que estruturam

a relação em sociedade”; e a distinção entre os efeitos dos processos plurais e permanentes de socialização primária e secundária (sendo esta última dos “submundos institucionais ou fundados nas instituições”) ao estudo das dinâmicas biográficas. A noção de *choque* (entre *provincias finitas de sentidos*) de Schütz está na base da definição *choques biográficos*, que Berger e Luckmann utilizaram para precisar os casos em que há mudanças bruscas nos percursos, exigindo conversões (no sentido religioso) desintegradoras das realidades interiorizadas.

As diretrizes de Alfred Schütz foram mobilizadas pelos cientistas sociais da Escola de Chicago preocupados em fundamentar as dimensões múltiplas das realidades e das identidades no quadro do seu modelo construtivista. Erving Goffman estabeleceu particularmente a interlocução com Schütz no seu *Frame Analysis* (1974), no qual buscou compreender os “processos de construção social de realidade” focalizando “rituais e estratégias de interação”, como ressaltou Gilberto Velho (2002, p. 14) em depoimento sobre essa tradição de estudos.

William Thomas, Robert Park e Herbert Blumer, Everett Hughes, Howard Becker, Erving Goffman, entre outros, compõem a genealogia de pesquisadores que mobilizaram as histórias de vida, os relatos orais, sobretudo por meio de observações e entrevistas, como procedimentos congruentes ao tratamento das transformações sociais decorrentes dos deslocamentos migratórios, de “delinquentes” e de *carreiras desviantes* na sociedade norte-americana, particularmente de Chicago<sup>14</sup>.

De um modo geral, segundo Becker (1996), eram estudos voltados às interações sociais entre pessoas agrupadas cotidiana e sucessivamente para “fazer coisas em comum”,

agindo de dado modo durante determinado tempo, ou modificando paulatinamente suas maneiras de agir, ou alterando-as significativamente em função de algum acontecimento externo. Outra dimensão importante seria a do “contexto em que se davam os fatos estudados” ou a “dimensão histórica” do trabalho. E, para tanto, a composição de recursos metodológicos poderia (ou deveria) ser ampla, incluindo também dados estatísticos e históricos complementares. De qualquer modo, o tipo de pesquisa priorizada indicava aspectos da existência não captáveis nas fontes oficiais, permitindo desnaturalizar a suposta inclinação a sublinhar as características negativas de certos grupos (como aqueles de origem polonesa) e, por esse intermédio, contestar as ações do Estado sobre eles (PENEFF, 1994). Logo, a perspectiva desse *interacionismo simbólico* não somente era favorável à apreensão dos dados biográficos, como a considera necessária para dar conta das dinâmicas examinadas.

Everett Hughes, discípulo de Park (por sua vez, seguidor de Simmel), desenvolveu suas pesquisas em uma comunidade no Canadá francês, especialmente dedicadas às ocupações e às relações raciais. Becker estudou com ele e, nitidamente, a sua noção de *carreira* foi lapidada a partir desse encontro. Segundo Hughes (1937) podemos conjugar a dimensão mais objetiva ou coletiva da sucessão de papéis, status e cargos ocupados, com uma subjetiva das auto avaliações dos indivíduos, ou seja, uma “perspectiva dinâmica pela qual a pessoa concebe sua vida como um conjunto e interpreta o significado de suas diversas características, das ações e das coisas que lhe ocorrem” (HUGHES, 1937, p. 409-410). Essas dimensões poderiam entrar em conflito, produzir dilemas (devido à possibilidade dos indivíduos

14 Becker (1996) atribuiu a William Thomas a formulação original da ideia de “definição de situação”, inspirada na investigação coletiva sobre a relação entre comunidades de imigrantes e pobreza, estuada na realização de entrevistas e histórias de vida tanto com residentes na Polônia como com pessoas que emigraram para os Estados Unidos (publicada com Florian Znaniecki em cinco volumes, intitulada *The Polish Peasant in Europe and America*).

transitarem entre diferentes *mundos*, com distintas expectativas e papéis a serem exercidos) e algumas posições, podendo se complexificar e se objetivar (em instituições, por exemplo), exigindo constantes ajustes.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a produção da Escola de Chicago entrou em declínio e “a Escola de Chicago, de certo modo, deixou Chicago” e prosperaram os empreendimentos quantitativos, do tipo *surveys*, “menos abertos a estudos com abordagem antropológica” (BECKER, 1996, p. 187). Não por acaso, coincidiam com um momento chave de institucionalização da ciência política nos Estados Unidos que, desde os anos 1930 e 1940, fez confluír seus investimentos de pesquisa com o processo de burocratização do Estado americano (LOWI, 1994). Por exemplo, os “dirigentes” e membros da “classe política” procuravam entender as “aspirações de eleitores” para garantir a manutenção dos seus mandatos e os cientistas políticos produziam sondagens de opinião e forneciam tais respostas com bases “científicas”<sup>15</sup>. Ou, como provocou Wright Mills (1975), eram os tempos do “empirismo abstrato”.

Mas Goffman e Becker seguiram com uma produção consistente. O primeiro publicou, entre o final da década de 1950 e início de 1960, obras importantes como *A representação do eu na vida cotidiana* (1959) e *Estigma* (1963). Contudo, para o que interessa mais diretamente neste artigo, enfatizamos o livro *Outsiders*, de Becker, também de 1963, seguindo o modelo de Hughes. Nesse, a ideia de *desvio* é colocada como possibilidade de apreensão de regras coletivas, cujos fundamentos podem ser apreendidos por meio do estudo das *carreiras* de indivíduos inseridos

em processos de interação, com injunções e resistências, legitimidades, conflitos e moralidades, bem como articulando as dimensões objetiva e subjetiva na análise de grupos “que se encontram em baixo dos narizes” (BECKER, 2008, p. 194) dos sociólogos e que, portanto, podem ser atentamente observados.

Velho (2002), reconhecido importador dos pressupostos da Escola de Chicago, relatou que um dos obstáculos às apropriações de autores como Goffman no Brasil foi a preponderância de versões de marxismos e estruturalismos, que confluíam com as expectativas de resistência política ao regime militar. Mas, no final dos anos 1960, particularmente os antropólogos e “profissionais da área *psi*” começaram a utilizá-lo, e seus textos passaram a ser traduzidos, sobretudo na década de 1970. Assim, “a análise do cotidiano e das relações interpessoais, em uma perspectiva socioantropológica, estimulou o desenvolvimento de trabalhos e investigações com preocupação interdisciplinar” (VELHO, 2002, p. 10). O antropólogo, com estadas de estudo em instituições norte-americanas, investiu na apreensão, transmissão e produção de pesquisas, com a publicação de livros e coletâneas, fundamentados no uso desse referencial ou, em suas palavras, dessa “linhagem acadêmica” de Chicago, na qual não haveria “barreiras entre antropologia e sociologia” e seus autores. Em especial, Becker e Goffman representavam a “contribuição norte-americana para a temática indivíduo e sociedade” e aos “estudos urbanos” (VELHO, 2002, p. 10).

Seguindo essa trilha, Velho (2003) destacou que a noção de biografia é fundamental para a compreensão das sociedades complexas em escala individual, pois os indivíduos definem seus *projetos* e se amoldam (ou se

---

15 Desenhava-se, como destacou Theodore Lowi (1994), um acordo em via dupla: de um lado o compromisso do governo com o investimento em laboratórios e pesquisas em ciência política, e, de outro, o compromisso dos cientistas políticos em dar ao governo os instrumentos necessários às suas decisões com bases ou justificativas científicas.

metamorfoseiam) a uma diversidade de valores, inserções e trânsitos possíveis (não fixos no tempo e no espaço). Disso emerge o *potencial de metamorfose* detido e desigualmente distribuído entre indivíduos, que exercem um “repertório de papéis sociais” (Ibidem, p. 29), dispostos em múltiplos planos, e têm sua existência social condicionada por essa multiplicidade. A capacidade de circulação entre *mundos* (Becker) ou *províncias de significados* (Schütz) informa o potencial de *mediação* de determinados indivíduos, ou seja, de atuar como “negociador” habilitado (VELHO; KUSCHNIR, 1996). Com encontros e desencontros entre projetos individuais e coletivos traçados no decorrer de trajetórias, importa atentar “não [à] escolha isolada do indivíduo, mas [ao] seu processo para chegar até lá; percurso este que pode contemplar não apenas outros indivíduos, mas também instituições – entendendo-as como parte dos aspectos objetivos do real” (DE LUCA; OLIVEIRA; CHIESA, 2016, p. 469).

Do levantamento feito e exposto na primeira seção do artigo, podemos registrar como determinadas pesquisas seguiram esses parâmetros de análise: a de Barros (2010), sobre mobilidade e ciclos de vida entre jovens adultos; de Rial (2008), sobre circulação internacional de jogadores de futebol; e a de Pavão (2017), sobre universitários com dificuldades de usar a escrita – as três publicadas na revista *Horizontes Antropológicos*. Também a discussão de Maio e Lopes (2015), que trata da carreira de Donald Pierson e a Escola de Chicago. Considerando somente as ciências sociais, a noção de “carreira”<sup>16</sup> é mais frequentemente utilizada de forma metafórica ou combinada com outras categorias, principalmente “perfis” e “trajetórias”, ou mesmo assume outras definições. Podemos grifar, entre os artigos da ciência política que

usam a ideia de carreira geralmente associada à noção de recrutamento político, o trabalho que discute gênero, de Miguel e Biroli (2010), a pesquisa sobre deputados, de Leoni, Pereira e Renno (2003), a análise sobre magistrados, de Da Ros (2012), e o texto sobre políticos de esquerda e direita, de Marengo e Serna (2007).

Destaca-se, também na Alemanha, a preponderância de uma perspectiva subjetivista nos anos 1980. Santos, Oliveira e Susin (2014) discutiram os estudos de Fritz Schütze que, seguindo a orientação teórica de Schütz, questionou, por exemplo, a realização de entrevistas controladas (mediante a elaboração de um roteiro, por exemplo) como mecanismo de suspensão da subjetividade do entrevistado. O depoimento do entrevistado não poderia ser “colonizado” em benefício da relevância sociológica.

Porém, podemos realçar o trabalho de Norbert Elias, que, na esteira do pensamento weberiano e freudiano, rompeu enfaticamente com a dicotomia conceitual entre “sociedade” e “indivíduo” e contribuiu às formulações a serem apropriadas nos estudos biográficos (inscrevendo-se no rol de autores alemães mobilizados nos estudos), propondo uma perspectiva ampliada – processual, relacional e concorrencial – da análise de como as biografias individuais somente podem ser apreendidas considerando a estrutura social e suas relações de poder (ELIAS, 1994).

De forma bastante sumária, é possível dizer que sua proposta foi de apreensão das transformações das estruturas sociais com impactos nas estruturas das personalidades dos indivíduos, considerando a configuração de cadeias de interdependências, amarrando e constringendo os comportamentos e percepções, tanto quanto sendo produzidas e

---

16 Há o debate sobre a necessidade de atualização da noção de *carreira*, constatando seu enfraquecimento e possibilidades de reabilitação. Ver Lawrence (2011) e Arthur (2008).



modificadas (com diferentes ritmos e graus de intensidade) como resultado (incerto) das relações de poder existentes entre seus componentes. Nessa linha, a importância da “biografia” pode ser verificada em várias direções para situar as inscrições dos indivíduos (com características sociais desiguais e cujos desejos, pulsões, expectativas, dilemas, comportamentos etc., são definidos nas relações de interdependência e concorrência com outros) nos processos ou para apreender processualmente as transformações históricas e sociais (que delineiam formas de Estado, instituições, governos, profissões, atividades em geral) conduzidas nas inserções práticas dos indivíduos.

Notadamente, grifamos o “Estudo sobre a gênese da profissão naval” (Idem, 2006). Dividido em duas partes, o trabalho investigou como a afirmação de uma carreira de oficiais da Marinha na Inglaterra do século XIX foi decorrente das interações, da convivência, dos conflitos entre dois grupos (marinheiros experientes e nobres), com origens sociais e atividades diferentes, que formaram uma configuração de interdependências, cujas lutas e convergências levaram à reconfiguração das suas atividades, mais especializadas e mais regradas. Destacamos, ainda, *Mozart: sociologia de um gênio* (ELIAS, 1995)<sup>17</sup> – organizado a partir de diferentes manuscritos e não finalizado devido ao falecimento do autor. Na obra póstuma, Elias procura investigar (com maior ênfase psicogenética que sociogenética), mediante correspondências e materiais biográficos, as condições (e limitações) históricas, sociais e psicossociais de afirmação do “artista” Mozart. Elias considera que o traço mais singular de um indivíduo somente pode ser compreendido quando reconstituímos o tecido social no qual ele está ou esteve

inserido. Somente pela análise biográfica é possível entender o encontro entre o plano macro de características aparentemente estáticas e externas ao “indivíduo”, processos de interiorização e exteriorização de normas e libidos, em tentativas de ajustes nem sempre plácidas, antes disso, podendo ser bem conflitivas e dilemáticas. Assim, em *Mozart*, o autor oferece, como bem sintetizou Bernard Lahire (2010, p. 13), “o estudo preciso de um caso singular, variando as escalas de análise das macroestruturas fixando as relações entre os artistas-músicos e a aristocracia de corte às microestruturas familiares regrando a natureza das relações entre um pai e seu filho”.

As orientações teóricas de Elias, atinentes ao exame de dados biográficos, aparecem, principalmente, articuladas às referências de Pierre Bourdieu e relacionadas às pesquisas sobre intelectuais (o segundo universo de temas mais frequente, segundo mapeamento feito no SciELO), o que será mencionado na próxima seção.

### **Influência da sociologia francesa: a afirmação do estudo de trajetórias**

De modo geral, na década de 1980, o recurso a fontes e informações biográficas – como entrevistas, autobiografias, diários, repertórios biográficos – ganharam força entre sociólogos de diferentes nacionalidades, que delas se apropriaram com diferentes ênfases de análise. O mesmo aconteceu na França, entretanto, com desdobramentos e redirecionamentos significativos nos períodos seguintes até a noção de trajetória assumir centralidade. As ressonâncias desses deslocamentos nas ciências sociais feitas no Brasil, constatadas anteriormente, justificam a breve reconstituição dos debates em torno da questão.

17 Para uma síntese e análise desse trabalho de Norbert Elias, ver Barreira (1997) e Lahire (1993).

Peneff (1994) acentuou a influência de Daniel Bertaux para uma geração de pesquisadores que adotaram a abordagem biográfica a partir dos anos 1970 na França, confluindo com o retorno à história oral ou de vida entre seus homólogos no resto da Europa e nos Estados Unidos. Originalmente reivindicando sua inserção na genealogia da Escola de Chicago e na etnometodologia, Bertaux (1980) enfatizou, no seu relatório “*L’approche biographique: sa validité méthodologique, ses potentialités*” (de 1976, publicado em 1980), o estudo das *narrativas de práticas* em detrimento do uso das biografias como relatos de vida. A coleta de relatos com essa ênfase serviria para extrair padrões de comportamentos e de relações sociais. Isso porque as formas de interação, que envolvem e se introduzem no indivíduo, bem como as lógicas de suas ações, são perceptíveis exatamente a partir das narrativas sobre as práticas, tratadas como fontes de informação cruzadas com outros dados objetivos (tipos de documentos) sobre os processos sociais (CHEVALIER, 1979; DUBAR; NICOURD, 2017).

Com essa “novidade” na forma de empreender uma análise objetivista de relatos de práticas, ou etnosociológica, Bertaux se afastou das perspectivas dominantes. Inverteu o ponto de vista marxista, no qual o indivíduo era explicado a partir das determinações da estrutura social, e questionou o alcance da abordagem acerca dos sentidos atribuídos pelos sujeitos, tornando-os base para explicar práticas e formas de associação. Nesse último caso, conforme Dubar e Nicourd (2017), o debate foi travado com Maurizio Catani, que defendia justamente uma abordagem de orientação declaradamente weberiana. Quer dizer, de buscar o significado subjetivo de uma prática, por meio do relato dado por uma pessoa, no qual ela própria produziria as vinculações a “eventos biográficos passados, inscritos em processos sociais” (Idem, p.13).

Por consequência, o pesquisador privilegiaria os sentidos conferidos às práticas e às relações, uma vez que são eles que fornecem o substrato sociológico à compreensão das ações e das interações sociais. A abordagem sociocompreensiva é utilizada não somente em estudos de casos (individualmente tratados, abordados de forma intensiva e dialógica), mas também na coleta de entrevistas com amostras de indivíduos que contam uma parte da sua vida (Idem).

Em resposta a críticas de Bertaux, Catani apontou a “pobreza” da ênfase nas práticas em detrimento da dimensão simbólica dos fatos estudados, o que teria levado Bertaux a renunciar a possibilidade de formulação de uma “hipótese forte”, conduzindo suas investigações e deduções em prol de uma postura mais indutivista (CHEVALIER, 1979, p. 99). Catani reivindicou a contribuição da sua abordagem às pesquisas concretas, com a introdução do simbólico, não como princípio explicativo, mas como princípio de elucidação, que não recusava a ordem econômica, os antagonismos e os processos históricos, mas os interpretaria de outra maneira (DUBAR; NICOURD, 2017).

Segundo Peneff (1994, p. 26), uma “mudança intelectual” aconteceu com a publicação da “Ilusão biográfica”, por Pierre Bourdieu, no número especial da revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, de 1986. Ainda hoje os argumentos do autor atraem várias avaliações que, sendo mais ou menos superficiais ou substantivas, contribuíram para colocá-lo no epicentro do debate acerca dos estudos biográficos e nas reconstituições consagradas ao tema.

Dubar e Nicourd (2017) lembram que o foco da crítica de Bourdieu dirigiu-se a uma “história de vida” trazida de contrabando da literatura para as ciências sociais, o que é diferente da suposta condenação do uso de “relatos de vida” e “biografias” nas pesquisas sociológicas. Esses autores recuperaram quatro aspectos

que informam, ao mesmo tempo, os limites e as potencialidades dos apontamentos de Bourdieu (principalmente pelos usos que sucederam à formulação original), sistematizados a partir de um colóquio específico (“Biografia e ciclos de vida”), realizado em 1988 para debater o artigo: (1) é preciso ter “vigilância com o subjetivismo sem refutar a pluralidade de racionalidades e crenças” (Ibidem, p. 32); (2) existem “zonas de opacidade, traços de construção e reconstrução através de percursos sinuosos”, dificilmente reconstruídos coerentemente nos relatos (Ibidem, p. 33); (3) “não há sentido preexistente à existência”, mesmo se aquele que a relata acredite às vezes nisso e tente apresentar essa coerência na sua narrativa; (4) a centralidade da análise de trajetórias, considerando, porém, os eventos biográficos como mais complexos que a fixidez dos “posicionamentos e deslocamentos no espaço dos campos sociais” (Ibidem, p. 34).

Pierre Bourdieu (1996a, 1996b) propôs a superação das dicotomias entre abordagens antitéticas (a exemplo da separação da dimensão prática e simbólica), questionando a validade da análise de relatos arbitrariamente acumulados, equiparados e dos quais se extraem regularidades, sem considerar as condições objetivas e específicas (inclusive a situação de entrevista) em que esses indivíduos são chamados a serem “ideólogos de suas próprias vidas”, bem como não atentando aos sentidos (relacionais, concorrenciais, constrangedores) que interferem nas suas seleções, conforme o estágio biográfico no qual se encontram (suas expectativas, frustrações, estimas e estímulos etc.). Bourdieu aponta, ainda, (valendo para Bertaux e Catani) a necessidade de compreender os significados que os indivíduos atribuem para si, para sua vida, para os outros e para a situação em geral (no momento biográfico em que são chamados a “relatar”), levando em conta a localização dos agentes em um espaço de interdependências e inserções ou em uma

estrutura social, econômica e cultural que se impõem, construindo o consenso sobre sua imprescindibilidade e dos seus porta-vozes.

Sendo assim, a utilização de dados biográficos exige a problematização das condições sociais e institucionais de sua objetivação enquanto “dado”. Para tanto, é preciso levar em conta a dimensão simbólica, que garante que as classificações sociais sejam, ao mesmo tempo, produto e produtoras de imposições tanto das formas de auto apreciação como das percepções do mundo social. Da posição social e política que o agente ocupa no momento da sua enunciação e tendo em vista as demais posições correntes, os tipos e a distribuição dos recursos disponíveis, bem como os objetos de luta disputados, derivam duas construções que dificilmente podem ser decompostas. A primeira refere-se às expectativas quanto à maximização do depoimento para o próprio “jogo” do qual o depoente participa, a segunda – e talvez mais importante – é a busca daquele que se apresenta e apresenta sua vida de construir uma “constância de si mesmo como uma história bem construída” (BOURDIEU, 1996a, p. 81).

Assim, Bourdieu (1996a; 1996b) propõe que as *trajetórias sociais* sejam apreendidas levando em consideração um sistema dos traços pertinentes para a compreensão de uma biografia individual ou de um grupo de biografias, constituídas das posições que vão sendo sucessivamente ocupadas por determinado agente (individual ou coletivo) no âmbito de determinado campo de forças. Sendo assim, antes de tudo, é preciso construir esse *espaço de relações objetivas entre posições*, que se definem por *relações objetivas* entre indivíduos e entre *propriedades* (que convergem ou divergem no interior de um campo). A estrutura do *campo* é definida pelo estado das *relações de força* ou *lutas entre espécies de capital* (sobretudo social, econômico, cultural e simbólico). Essas *lutas* visam a imposição

dos *princípios legítimos de dominação*, que incidem sobre *representações e práticas* nos limites do campo e com efeitos na escala mais ampla de hierarquização do mundo social. O *princípio gerador e unificador* das *representações e práticas* é o *sistema disposicional* ou *habitus*, herdado (mormente na socialização familiar e escolar) e mais ou menos consoante com as *posições ocupadas* e a *trajetória* dos agentes (Idem, 1992, p. 191). Nesse sentido, as *trajetórias* são construídas em relação às propriedades e funcionamento do *campo* investigado, considerando as condições de origem ou de entrada e as *posições ocupadas* nesse *campo* e dele em relação a outros *campos* que compõem o espaço social mais amplo (em determinada fase ou em estágios sucessivos).

No sistema conceitual concebido pelo autor, a análise pode contemplar casos que ocorrem em um mesmo campo ou subcampo de forças, examinando seus movimentos relacionais e competitivos, conforme o acúmulo de certos capitais valorizados e a desvalorização de outros, acompanhando as sucessões de posições e destinos. E também são investigadas a partir do deslocamento de agentes no espaço social mais amplo, com origens mais ou menos dominantes ou dominadas em algum *campo*, para posições mais ou menos dominantes ou dominadas no mesmo campo ou em algum diferente. Com efeito, as *trajetórias* podem: assumir um caráter de ascensão ou declínio; decorrer de bloqueios de uma via, redefinindo a direção do percurso em outro rumo; configurar continuidades previsíveis, ou exigir *reconversões* significativas de capitais, sentidos e práticas, e assim por diante.

Apontamento específico pode ser feito sobre a necessidade de flexibilizar a metáfora do trajeto no metrô, que Bourdieu (1996b, p. 81) aciona para ponderar sobre o imperativo de tratar “os acontecimentos biográficos [...] como alocação e como deslocamentos no espaço social”.

Tentar compreender uma vida como uma série única e, por si só, suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outra ligação que a vinculação a um ‘sujeito’ cuja única constância é a do nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diversas estações. (Ibidem).

A crítica feita por Passeron (1995, p. 20) a Bourdieu a esse respeito parece elucidativa. Para começar, ele localizou dois polos igualmente vulneráveis de análise das biografias. O primeiro é o da “utopia biográfica”, que se orienta na convicção de que “nada é insignificante”, “baseia sua impressão de compreender na ilusão do imediato”, adere à “*ilusão da pan-pertinência* do descritível”, em detrimento da formulação de uma problemática de pesquisa orientando a análise dos “*traços pertinentes da descrição*” (Idem, p. 206-207, grifos do autor). Portanto, semelhante às críticas de Bourdieu. O outro polo é o da abordagem estruturalista, que deseja somente conhecer:

a realidade dos traços pertinentes e dos sistemas de relações que os constituem: realismo das posições e das oposições, das leis de transformação ou de reprodução, para que os devires individuais, deixando de ser convites à descrição do que, numa singularidade, presta-se à intelecção de generalidades, não podem mais ser percebidos como “portadores da estrutura”, ocupantes de um “sistema” ou de um “campo” – enfim, agregações de propriedades sincrônicas. (Ibidem, p. 208).

Dessa forma, o alerta de Passeron é quanto à necessidade de atentar não somente para a relação entre *trajetória* e *campo*, mas aos deslocamentos coletivos (com impactos diferenciados em cada indivíduo) e às transformações simultâneas e interdependentes que envolvem aparatos objetivados e expectativas subjetivas. Por isso, diz preferir a metáfora anterior de Schumpeter, pois, “antes que Bourdieu entrasse no metrô, Schumpeter já havia tomado o ônibus” (Ibidem, p. 210). A partir de determinado

“recorte”, definido como relevante ao estudo (classe, grupo, organização etc.), tomado como um *veículo* que produz efeitos duráveis: “assim como os ônibus cujo trajeto constitui um objeto específico de descrição, mesmo que na chegada os veículos já não contenham os mesmos viajantes que havia na partida e, no máximo, que no terminal não esteja mais nenhum dos que nele subiram” (Ibidem). Além disso, há a possibilidade de pensar nas “circunstancialidades” que podem agir no tempo do trajeto do coletivo (interferências no trânsito, por exemplo), que é distinta do “tempo dos viajantes”, mas mais ou menos sincronizadas. Tais reconfigurações levam a perguntar sobre essa diversidade, pois “mesmo portadores das *mesmas* propriedades os viajantes talvez jamais sejam os *mesmos*: não visando mais a mesma história” (Ibidem, p. 211).

Ainda mais recentemente, Bernard Lahire (2004, 2005, 2006), a partir de uma série de pesquisas realizadas em diferentes meios sociais (universo familiar, escola primária, estudantes, literatos etc.), estabeleceu uma interlocução direta com Bourdieu (sobretudo problematizando as noções de *campo* e a realocação da ideia de *habitus*) para propor seu modelo de análise disposicional e contextual. Há a defesa da pluralidade de possibilidades (não raro ambivalentes) de práticas, disposições e biografias dos indivíduos. Ele retorna à questão da complexificação e da diferenciação sociais, sublinhando que os indivíduos passam por múltiplas e concorrentes “instâncias socializadoras” (família, escola, profissão, cultura, política, religião etc.), assim como são plurais seus trânsitos, contatos, elos e os princípios e normas orientadores das ações. Portanto, a análise das *biografias sociológicas* seria uma forma de abarcar o impacto desses aspectos em escala individual, sem perder de vista as determinações sociais que os fabricam. Ou seja, é preciso apreender tanto os “*patrimônios individuais de disposições e de competências culturais incorporadas*”, que são “mais ou menos

homogêneas ou heterogêneas”, quanto as “*propriedades dos diversos contextos de práticas*, que entram mais ou menos em contradição com esses patrimônios individuais de disposições e competências” (LAHIRE, 2006, p. 21-22, grifos do autor).

Vale mencionar que, além da interlocução com o esquema bourdieusiano, no prólogo ao seu *Franz Kafka: elementos para uma teoria da criação literária* – no qual examina, principalmente por meio da autobiografia, correspondências e outros materiais, a “fabricação social do autor” – Lahire (2010) ressalta a inspiração contundente do *Mozart*, de Elias (já citado anteriormente), no seu trabalho. Principalmente, cabe realçar a distinção feita entre biografia sociológica e biografia literária ou histórica, na qual o estudo deve considerar, como citado, os universos sociais que contribuem na edificação do *estoque de disposições*, a inter-relação entre eles e em cada um deles. Inseparavelmente, os lugares ocupados, as variações diacrônicas e sincrônicas ou as reorganizações do patrimônio, as relações vivenciadas entre instituições, a influência das sociabilidades, as tensões ou crises enfrentadas e os contextos específicos de atuação (personagens, contatos, práticas etc.).

A gama de perspectivas revisitadas nas seções anteriores moldurou as apropriações e justaposições de referenciais feitos por cientistas sociais brasileiros, que se dedicaram à coleta e sistematização de informações biográficas. No momento seguinte, tentaremos esboçar, em grandes linhas, alguns circuitos de circulações dessas noções e estratégias metodológicas.

### **Uso de informações biográficas e estudos de trajetórias no Brasil**

O uso de certos autores no Brasil é tributário da importação de pesquisadores (geralmente posicionados no centro da produção nacional), que incorporam tais discussões e referências quando têm contato com elas,

sobretudo em suas estadas de estudos no exterior. Não foi diferente com Bourdieu, que é um dos autores mais citados por cientistas sociais brasileiros. Segundo Bortoluci, Jackson e Pinheiro Filho (2015), as primeiras apropriações foram feitas no âmbito dos estudos rurais, e a primeira publicação do autor no país, do texto “Campo intelectual e projeto criador”, em 1968, foi viabilizada por Moacir Palmeira (que acompanhava, no período, seus seminários na École des Hautes Études en Sciences Sociales). O antropólogo teria sido o cientista social brasileiro pioneiro na utilização da obra do sociólogo francês em sua tese de doutorado (de 1971) e formou uma geração de disseminadores de Bourdieu no país, desde sua atuação no Museu Nacional, que se especializaram em pesquisas sobre transformações no mundo rural, disputas políticas e trajetórias intelectuais. Geralmente com força da abordagem mais qualitativa, das observações de campo, entrevistas ou outras fontes documentais, como suporte às reconstituições biográficas, inseridas em contextos de luta e mudança social, com a apreensão das representações e estratégias de reprodução social.

Com essa orientação, um conjunto de pesquisas sobre trajetórias políticas e intelectuais foram feitas. Destacamos os trabalhos de Afrânio Garcia Jr. (1993, 2004, 2011), Mário Grynszpan (1990, 1996), Gustavo Sorá (1996, 2011), Gabriela Scotto (1995), Federico Neiburg (1995) e Barreira (2002). Além das construções biográficas e os condicionantes do reconhecimento conquistado pelos agentes investigados, esses pesquisadores se debruçaram sobre reconfigurações mais amplas ocorridas em determinadas dinâmicas

históricas; com a produção de bens simbólicos, seu conteúdo e suas modalidades de recepção/circulação; com o desenho de redes de relações, o trabalho de mediação, de representação e as representações construídas/compartilhadas; entre outras dimensões de análise contempladas principalmente por meio da observação de campo, relatos e documentos produzidos nas dinâmicas de concorrência. Observa-se a preocupação com a descrição minuciosa das bases de formação e socialização dos agentes, dos seus vínculos pessoais, dos trânsitos, dos recursos acumulados e acionados nas relações de trocas em diferentes níveis.

Sergio Miceli contribuiu também decisivamente na tradução, afirmação e preponderância das ideias de Bourdieu no Brasil, sobretudo a partir de pesquisas no campo da sociologia da cultura. Ele assinou (MICELI, 1974) a edição da *Economia das Trocas Simbólicas*, “uma das primeiras coletâneas de Pierre Bourdieu publicadas no mundo”, e a apresentação da publicação, “que se tornaria uma espécie de guia de leitura para esse conjunto de textos – e, por extensão, para a obra –, com o condão de apresentar a novidade produzida no centro de modo a fazer sentido num sistema intelectual periférico” (BORTOLUCI; JACKSON; PINHEIRO FILHO, 2015, p. 228).

Em uma das suas pesquisas mais citadas (fruto das orientações de doutorado de Bourdieu e também de Leôncio Martins Rodrigues<sup>18</sup>), Miceli (1979) localiza os dados biográficos dos agentes estudados para a análise das trajetórias intelectuais com a preocupação de situá-los em espaços mais amplos de posições, seguindo de perto o modelo de análise bourdieusiano das condições e condicionantes

---

18 Cabe lembrar que Martins Rodrigues (2009) é sociólogo e cientista político, e atentou aos condicionantes sociais e culturais de atuação política de sindicalistas e parlamentares. Assim como Miceli (que escreveu sobre Mário de Andrade), ele compôs a publicação sobre “intérpretes” do Brasil (basicamente perfis biográficos), dedicando-se ao trajeto de Fernando Henrique Cardoso. Ver Botelho e Schwarcz (2009).



sociais e históricos de formação/transformação do campo cultural, da ocupação de posições e das tomadas de posição intelectuais e políticas dos agentes. É difícil recuperar a quantidade e diversidade de pesquisas publicadas pelo autor (MICELI, 1979, 1981, 1996, 2009a, 2009b, 2013, entre outras), que demonstram a mobilização das informações biográficas indissociadas dos condicionantes e das práticas sociais, das disposições e dos trunfos acumulados, das condições de inserção e das tomadas de tomada de posição dos agentes, ou seja, contemplando as dimensões de análise e de operacionalização propostas por Bourdieu para os estudos de trajetórias.

Podemos ainda mencionar a influência de Norbert Elias nas reflexões de Miceli sobre casos específicos, como a análise que fez de Jorge Luis Borges (MICELI, 2007a), recuperando informações sobre a configuração do campo intelectual argentino, as redes de socialização/sociabilidades, as oportunidades de acumulação de capital cultural, a relação com o pai, os conflitos internos, enfim, o conjunto de elementos que confluíram na construção do “escritor nato”. Na mesma configuração histórica, o exame das trajetórias *outsiders* (inclusive em relação a Borges) de Alfonsina Storni e Horacio Quiroga, localizados no polo mais heterodoxo do campo cultural em expansão (Idem, 2013). Para tanto, situou as informações biográficas, das origens sociais aos imponderáveis dos trajetos, analisou dos poemas e posicionamentos às representações em fotografias de ambos, das condições históricas aos dilemas psicogenéticos, entre tantas dimensões que favoreceram a apreensão da história social e dos destinos dos “personagens”.

Uma série de pesquisas foi realizada com essa orientação, com destaque para o estudo de trajetórias de mulheres artistas entre o final do século XIX e início do XX, feito por Simioni (2007a, 2007b), e de intelectuais franceses inscritos no campo de disputas por legitimidade no final do século XIX, em especial Gabriel

Tarde e Gustave Le Bon, empreendida por Marcia Consolim (2008). Com demarcadores semelhantes, salientamos as pesquisas desenvolvidas por Heloisa Pontes (2009, 2011, 2013, entre outros) e por ela junto com Miceli (2012). A autora tem se dedicado igualmente aos estudos intelectuais, em especial a artistas (principalmente de teatro) e com recorte de gênero, enfocados a partir das suas condições mais ou menos oportunas de profissionalização e de representação(s).

Com proximidade a esse tipo de análise – porém para investigar as intersecções entre domínios intelectuais e políticos – Grill (2015) analisou as *multinotabilidades* de Afonso Arinos, notadamente debruçando-se sobre suas “memórias” e utilizando repertórios biográficos (como CPDOC). A partir desse artigo queremos ponderar sobre uma última linha de estudos. Além do fortalecimento de uma sociologia da cultura, a influência de Bourdieu e de seus aplicadores no Brasil favoreceu igualmente o avanço dos estudos de trajetórias no âmbito de uma parte da ciência política brasileira, que se voltou à percepção das informações biográficas, em especial ao estudo de carreiras e dos perfis políticos.

Mais especificamente na linha das reflexões da chamada sociologia política francesa, os trabalhos de Daniel Gaxie (1977, 1980, entre outros), Michel Offerlé (1996) e, depois, de Frederic Sawicki (1997), são referências persistentes. Com eles, a compreensão da atividade política deve considerar padrões de recrutamento dos agentes políticos, seu *background*, origens sociais, “aquisição de um domínio prático das categorias e as disposições dos agentes” (GRILL, 2008a, p. 17), as multiposicionalidades desfrutadas, os capitais de notoriedade e de investitura acumulados, as empresas coletivas (organizações partidárias, midiáticas, jurídicas, econômicas etc.) empenhadas, o trabalho de mobilização eleitoral efetuado, as redes de relações acionadas etc. (Idem; GRILL, 2013).

O uso dessas discussões é tributário das apropriações de Odaci Luiz Coradini (2001, 2003, 2004, 2007, entre outros), que se doutorou em antropologia sob a orientação de Moacir Palmeira, porém alocado em um Programa de Pós-graduação em Ciência Política, da Universidade Federal do Rio do Sul. Ele contribuiu com as indicações à pesquisa de André Marengo dos Santos (2000), cientista político formado naquela instituição, então em fase de produção da sua tese de doutorado sobre recrutamento parlamentar. Os investimentos de inscrição e afirmação na disciplina desse último fizeram que suas apostas tenham sido dirigidas aos estudos de carreiras políticas (SANTOS, 1997, 2001), mediante os quais fusionou o jargão bourdieusiano (resquícios das leituras de Daniel Gaxie e Michel Offerlé, mas cada vez menos preponderante em seus textos) com outras influências como Angelo Panebianco, Pipa Norris e Richard Katz<sup>19</sup>. Ao priorizar as variáveis institucionais em detrimento das sociais, portanto afastando-se da abordagem da sociologia política francesa, Marengo foi acolhido como referência entre os pares e passou a ser considerado um dos porta-vozes do uso da noção de carreira na ciência política. Nessa linha, os levantamentos realizados com base na aplicação de modelos estatísticos permite cotejar o comportamento de variáveis, sobretudo políticas, com peso nos critérios institucionais mais formalizados. A formalização de padrões mais gerais de recrutamento ou de deslocamentos pode ser operada sem tanta preocupação com as vulnerabilidades das fronteiras entre os domínios sociais ou os limites da aplicação de modelos exógenos de análise.

Provavelmente por conta da sua formação original e dos universos de análise privilegiados, Coradini preocupa-se em utilizar de forma problematizada o esquema bourdieusiano (sem deixar de tomá-lo como referência principal), questionando certas fragilidades da importação e aplicação direta e propondo a combinação com outros referenciais de análise, igualmente pertinentes. Aproximando-se tanto do tipo de estudo estimulado por Palmeira, como daqueles empreendidos por Miceli, aplica a análise sociográfica como base para o estudo de trajetórias, a não restrição dos universos empíricos passíveis de serem investigados em múltiplos níveis, sobretudo, propõe a apreensão da multidimensionalidade e inter cruzamentos de lógicas entre eles.

Várias pesquisas foram feitas seguindo essa trilha. Recortaram-se os universos no sentido de apreendê-los de forma amalgamada, testando a hipótese da preponderância estrutural e estruturante dos princípios políticos (não no sentido estrito, mas amplo) nos múltiplos domínios sociais<sup>20</sup>. Realçamos os trabalhos sobre recrutamento de elites e carreiras políticas de Bordignon (2017), sobre elites parlamentares e culturais de Grill e Reis (2016), sobre militares e eclesiásticos de Seidl (2008, 2017), sobre as inserções culturais de mulheres parlamentares de Reis (2014), sobre “famílias” e “memórias” de políticos, desenvolvidos por Grill (2008b, 2012), sobre intelectuais e as ciências sociais de Reis (2013), sobre elites jurídicas de Engelman (2006), entre outros. Afora coletâneas aglutinando trabalhos convergentes, como as publicações de Coradini (2008), de Seidl e Grill (2013), e de Reis e Grill (2016).

---

19 Perspectiva semelhante tem sido adotada por estudos produzidos por cientistas políticos da Universidade Federal do Paraná, que pesquisam carreiras e recrutamento político, mobilizando jargões da sociologia política e dos estudos de elites, assim como são responsáveis pela *Revista de Sociologia e Política*, localizada entre os periódicos que mais publicam artigos sobre a temática. Ver Renato Perissinotto, Costa e Tribess (2009) e Perissinotto et al. (2017) e Codato et al. (2016).

20 Para uma discussão um pouco mais detalha da ideia de “domínio”, ver Grill e Reis (2018) e Reis e Grill (2017).

Podemos ressaltar, nessa agenda de estudos, o uso das informações biográficas para a construção de quadros prosopográficos ou para a aplicação de análises de correspondência múltipla, que permitem o mapeamento relacional das características de um conjunto de agentes, inseridos em determinados domínios ou espaços de luta, problematizando os limites da ideia de campo para circunscrevê-los em configurações históricas como a brasileira. Essa perspectiva garantiria a representatividade do estudo de certas trajetórias “exemplares” ou “desviantes”, cujas reconstituições permitem perceber mais detidamente os posicionamentos assumidos e os recursos acumulados, combinando abordagem sincrônica e diacrônica.

### **Considerações finais**

Neste artigo buscamos demonstrar um pouco da diversidade do uso de biografias mobilizadas em pesquisas das ciências sociais e história. Para tanto, apresentamos um levantamento nas bases SciELO, que permitiu evidenciar diferentes modalidades de estudos (particularmente, de história de vida, história oral, trajetórias e carreiras) relativamente aos periódicos e áreas das ciências sociais. Principalmente, observamos a tendência crescente das investigações sobre trajetórias (não raro adjetivadas ou em composição com outro dos enquadramentos), realizadas com representantes de diversas categorias sociais, com destaque para mulheres, intelectuais, políticos, profissionais e militantes.

Com base nesse mapeamento, localizamos artigos (sobretudo aqueles de cunho mais teórico e metodológico), que possibilitaram verificar aportes teóricos e metodológicos preponderantemente acionados nas discussões. Procuramos pontuá-los (muito sumariamente) seguindo uma lógica mais ou menos cronológica e geral de sua afirmação e apropriação

por cientistas sociais brasileiros. Dessa forma, aquelas regularidades, inicialmente apresentadas, ganharam elementos um pouco mais qualitativos e dinâmicos das suas condições de emergência e de consagração no âmbito nacional.

É possível dizer que a reflexão em torno das biografias caracteriza-se por uma flexibilidade e diversidade de aplicações em campos variados do conhecimento, que atualizam a tradicional oposição ou compatibilização das categorias “indivíduo” e “sociedade”, e que estão longe de se esgotarem, pois se referem a questões fundantes à investigação dos mecanismos e funcionamento da vida social. Versões de sociedade como fruto ou produto de interações se imiscuem na problemática, de forma direta ou indireta.

Os debates, polêmicas e ambivalências fundamentam-se na relevância no tratamento das características e percursos de indivíduos, por meio de informações/relatos que eles mesmos fornecem ou de fontes (incluindo publicações) institucionais que as armazenam, oscilando (no tempo e segundo as disciplinas) e se confrontando conforme: a adesão a métodos mais qualitativos ou quantitativos; visando o tratamento de dimensões mais subjetivistas (com peso relativo da dimensão das personalidades ou psicologizantes, ou das formas de representação do mundo social) ou objetivistas (operando dados mensuráveis dos quais é possível sistematizar padrões ou regularidades); voltados a diferentes escalas explicativas (mais micro ou macro); com foco em análises mais internalistas ou externalistas; priorizando categorias sociais de investigação alocadas em distintas posições “dominadas” ou “dominantes” – todos esses elementos podendo ser originalmente articulados nos trabalhos específicos.

Observamos que algumas tradições de conhecimento não apenas assumiram as biografias como objetos centrais da sua reflexão,

como seus porta-vozes as adotaram mesmo como causa a ser defendida, como forma de “visibilização” seja das elites ou das chamadas “minorias”, de qualquer modo, como condição de delimitação de fronteiras disciplinares e de manutenção de reconhecimentos intelectuais. Entram em cena as narrativas, singularidades, representações, subjetividades e tudo o que precisar ser exaltado contra a padronização ou abstrações das estruturas. Elas foram relativizadas ou ponderadas com abordagens que propõem a integração de níveis mais dinâmicos de análise para escapar das armadilhas que polarizam o estudo subjetivista do indivíduo (que parece atribuir uma essência ao biográfico) ou o estudo objetivista das coletividades abstratas. Noções como as de *mundo*, *configuração* e *campo*, respectivamente de Becker, Elias e Bourdieu, são basilares aos esforços de romper com a “forma dual, substancializada e reificante de falar, pensar e investigar” (GRILL; REIS, 2018, p. 169).

As importações das formulações de Pierre Bourdieu feitas por pesquisadores brasileiros, com estadas de estudos na França, influenciaram na gama de pesquisas sobre trajetórias produzidas nas diferentes áreas das ciências sociais brasileiras, com distintas ênfases, universos de análise e graus de rigor<sup>21</sup>. Elas têm diferentes desdobramentos, que não deixam de levar em conta a tentativa de não resistir à sedução da narrativa, na comoção do depoimento, na versão construída, examinando o material biográfico relativamente às condições particulares de sua produção e em relação a processos sociais mais amplos. Sobreretudo a questão principal é a problemática em pauta na pesquisa realizada, tentando, de preferência, encontrar o justo meio entre os extremos subjetivistas e objetivistas, que podem anulá-lo. Assim, a coleta e tratamento do material biográfico “depende da construção do olhar sociológico sobre esses dados e das modalidades de sua análise e interpretação” (DUBAR; NICOURD, 2017, p. 4).

## Referências

- ADÃO, M. C. O. Aspectos da adesão feminina aos valores militares: o casamento e a família militar. *História*, Assis, v. 29, n. 2, p. 116-134, 2010.
- ALBERTI, V. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1989.
- \_\_\_\_\_. De “versão” a “narrativa” no Manual de história oral. *História oral*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 159-166, 2012.
- ARAÚJO, M. P. N. Por uma história da esquerda brasileira. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 333-353, 2002.
- ARTHUR, M. B. Examining contemporary careers: a call for interdisciplinary inquiry. *Human Relations*, New Castle, v. 61, n. 2, p. 163-186, 2008.
- BARREIRA, C. Pistoleiro ou vingador: construção de trajetórias. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 52-83, 2002.

21 Evidentemente, a referência às “trajetórias”, assim como acontece para a noção de *campo*, pode significar apenas a automatização do jargão, vinculado às possibilidades de apropriações cada vez mais amplas e frouxas (sem grandes pretensões de transposição de obstáculos teóricos), nas quais Bourdieu e outros autores são apenas instrumentalizados nas tomadas de posição que animam o/as cientistas sociais brasileiro/as.

- BARREIRA, I. “Mozart: sociologia de um gênio”, de Norbert Elias. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. I, p. 41-45, 1997.
- \_\_\_\_\_. O lugar do indivíduo na sociologia: sob o prisma da liberdade e dos contragimentos sociais. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 34, n. 2, p. 51-63, 2003.
- BARROS, M. M. Trajetórias de jovens adultos: ciclo de vida e mobilidade social. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 71-92, 2010.
- BECKER, H. Conferência: a Escola de Chicago. *Mana*, Rio de Janeiro, n. 2, v. 2, p. 177-188, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BERTAUX, D. L'approche biographique: sa validité méthodologique, ses potentialités. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, Paris, v. LXIX, n. 2, p. 198-225, 1980.
- BLAY, E. A. Inquisição, inquisições: aspectos da participação dos judeus na vida sócio-política brasileira nos anos 30. *Tempo Social*, v. 1, n. 1, p. 105-130, 1989.
- BORDIGNON, R. R. Recrutamento e modalidades de entrada na carreira política: candidatos aos cargos legislativos no Rio Grande do Sul (1998-2006). *Política & Sociedade*, Florianópolis, v. 16, n. 35, p. 351-379, 2017.
- BORTOLUCI, J. H.; JACKSON, L. C.; PINHEIRO FILHO, F. Contemporâneo clássico: a recepção de Pierre Bourdieu no Brasil. *Lua Nova*, São Paulo, n. 94, p. 217-254, 2015.
- BOTELHO, A.; SCHWARCZ, L. M. (Orgs.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- \_\_\_\_\_. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996a.
- \_\_\_\_\_. A ilusão biográfica. In: BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1996b.
- CAMARGO, A. Os usos da história oral e da história de vida. In: CONGRESSO MUNDIAL DE SOCIOLOGIA, 10., 1982, Cidade do México. *Anais...* São Paulo: USP, 1982.
- CARDOSO, H. H. P. Narrativas de um candango em Brasília. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 47, 2004.
- CARVALHO, I. C. M. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 9, n. 19, p. 283-302, 2003.

- CHEVALIER, Y. La biographie et son usage en sociologie. *Revue Française de Science Politique*, Paris, ano 29, n. 1, p. 83-101, 1979.
- CODATO, A. et al. Regime político e recrutamento parlamentar: um retrato coletivo dos senadores brasileiros antes e depois da ditadura. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 24, n. 60, p. 47-68, 2016.
- CONSOLIM, M. C. Gabriel Tarde e as ciências sociais francesas: afinidades eletivas. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 269-298, 2008.
- CORADINI, O. L. *Em nome de quem? Recursos sociais no recrutamento de elites políticas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- \_\_\_\_\_. As missões da “cultura” e da “política”: confrontos e reconversões de elites culturais e políticas no Rio Grande do Sul (1920-1960). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 32, p. 125-144, 2003.
- \_\_\_\_\_. A formação da elite médica, a Academia Nacional de Medicina e a França como centro de importação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 35, p. 3-22, 2004.
- \_\_\_\_\_. Engajamento associativo-sindical e recrutamento de elites políticas: tendências recentes no Brasil. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, n. 28, p. 181-203, 2007.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Estudos de grupos dirigentes no Rio Grande do Sul: algumas contribuições recentes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- DA ROS, L. Juízes profissionais? Padrões de carreira dos integrantes das Supremas Cortes de Brasil (1829-2008) e Estados Unidos (1789-2008). *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 20, n. 41, p. 149-169, 2012.
- DELUCA, G.; OLIVEIRA, S.; CHIESA, C. D. Projeto e metamorfose: contribuições de Gilberto Velho para os estudos sobre carreiras. *RAC*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, art. 4, p. 458-476, 2016.
- DOSSE, F. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2015.
- DUBAR, C.; NICOURD, S. *Les biographies em sociologie*. Paris: La Découverte, 2017.
- ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Mozart, sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- \_\_\_\_\_. Estudos sobre a gênese da profissão naval. In: NEIBURG, F.; WAIZBORT, L. (Orgs.). *Escritos & ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. (v. 1: Estado, processo, opinião pública).
- ENGELMANN, F. Internacionalização e ativismo judicial: as causas coletivas. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, São Paulo, n. 69, p. 123-146, 2006.



- FARIAS, C. M. Entre lembranças e silêncios: reflexões sobre uma autobiografia feminina. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 22, p. 238-257, 2009.
- FERREIRA, M. M. (Coord.). *Entrevistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1994.
- \_\_\_\_\_. Apresentação. In: RÉMOND, R. (Org.). *Por um a história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.
- \_\_\_\_\_. História, tempo presente e história oral. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 314-332, 2002.
- FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (Org.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 2000.
- FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Coords.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1996.
- GARCIA JUNIOR, A. Les Intellectuels et la conscience nationale au Brésil. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, n. 98, p. 20-33, 1993.
- \_\_\_\_\_. A dependência da política: Fernando Henrique Cardoso e a sociologia no Brasil. *Tempo Social*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 285-300, 2004.
- \_\_\_\_\_. Meninos de engenho: tradições e dramas familiares feitos símbolos da brasilidade. *Revista Antropológica*, Niterói, n. 30, p. 21-47, 2011.
- GAXIE, D. Économie des partis et rétributions du militantisme. *Revue Française de Science Politique*, Paris, v. 27, n. 2, p. 123-154, 1977.
- \_\_\_\_\_. Les logiques du recrutement politique. *Revue Française de Science Politique*, Paris, v. 30, n. 3, p. 5-45, 1980.
- GONÇALVES, M. A.; MARQUES, R.; CARDOSO, V. *Etnobiografia: subjetivação e etnografia*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. (Coleção Sociologia e Antropologia).
- GRILL, I. G. Múltiplas dimensões de uma agenda comum de pesquisas: elites, profissionais e lideranças políticas. In: GRILL, I. G. et al. (Orgs.). *Elites, profissionais e lideranças políticas (RS e MA): pesquisas recentes*. São Luís: Edufma, 2008a.
- \_\_\_\_\_. "Heranças política" no Rio Grande do Sul. São Luís: Edufma, 2008b.
- \_\_\_\_\_. "Memórias" de políticos brasileiros: produção escrita, gestão de imagens e "teorizações" nativas do jogo político. *Revista Política & Sociedade*, Florianópolis, v. 11, n. 22, p. 11-40, 2012.
- \_\_\_\_\_. Especialização política: bases sociais, profissionalização e configurações de apoios. In: SEIDL, E.; GRILL, I. G. *As ciências sociais e os espaços da política no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2013.
- \_\_\_\_\_. As múltiplas notabilidades de Afonso Arinos: biografias, memórias e a condição de elite no Brasil do século XX. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 23, n. 54, p. 21-42, 2015.

- GRILL, I. G.; REIS, E. T. Dos campos aos domínios das “elites” no Brasil. *Tomo*, São Cristóvão, n. 32, p. 163-210, 2018.
- \_\_\_\_\_. *Elites parlamentares e a dupla arte de representar: intersecções entre “política e “cultura” no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.
- GRYNSZPAN, M. Os idiomas da patronagem: um estudo da trajetória de Tenório Cavalcanti. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 5, n. 14, p. 73-90, 1990.
- \_\_\_\_\_. A teoria das elites e sua genealogia consagrada. *BIB: Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, São Paulo, n. 41, p. 35-83, 1996.
- GUEDES, S. L. Vidas revisitadas: a reconstrução do passado de idosos em programas gerontológicos. *Revista Sociologia & Antropologia*, Niterói, v. 4, n. 1, p. 233-255, 2014.
- HARTMANN, L. “Me curei e hoje tô aqui sentadita contando a história.” Narrativa, performance e constituição da pessoa na fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 29, n. 3, p. 767-789, 2014.
- HUGHES, E. C. Institutional office and the person. *American Journal of Sociology*, Illinois, v. 43, n. 3, p. 404-413, 1937.
- LAHIRE, Bernard. NORBERT ÉLIAS, Mozart. Sociologie d’ungénie. *Annales: Économies, Sociétés, Civilisations*, Paris, année. 48, n. 6, p. 1629-1632, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Retratos sociológicos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- \_\_\_\_\_. *A cultura dos indivíduos*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Franz Kafka: éléments pour une théorie de la création littéraire*. Paris: Éditions la Découvert, 2010.
- LAWRENCE, B. S. Careers, social context and interdisciplinary thinking. *Human Relations*, New York, v. 64, n. 1, p. 59-84, 2011.
- LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (dir.). *Faire de l’histoire* (volumes 1, 2 e 3). Paris: Gallimard, 1974.
- LEONI, E.; PEREIRA, C.; RENNÓ, L. Estratégias para sobreviver politicamente: escolhas de carreiras na Câmara de Deputados do Brasil. *Opinião Pública*, Campinas, v. 9, n. 1, p. 44-67, 2003.
- LEVILLAIN, P. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, R. (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
- LOBO, E. S. Experiências de mulheres: destinos de gênero. *Tempo Social*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 169-182, 1989.
- LOWI, T. O Estado e a ciência política ou como nos convertemos naquilo que estudamos. *BIB: Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, São Paulo, v. 38 p. 3-14, 1994.

- MAIO, M. C.; LOPES, T. C. For the establishment of the social discipline as sciences: Donald Pierson e as ciências sociais no Rio de Janeiro (1942-1949). *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 343-380, 2015.
- MARENCO, A.; SERNA, M. Por que carreiras políticas na esquerda e na direita não são iguais? Recrutamento legislativo em Brasil, Chile e Uruguai. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 22, n. 64, p. 93-113, 2007.
- MICELI, S. *Pierre Bourdieu: a economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979.
- \_\_\_\_\_. Carne e osso da elite política brasileira pós-1930. In: Fausto, B. (Org.). *III O Brasil Republicano 3: sociedade e política (1930-1964)*. São Paulo: Difel, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Imagens negociadas: retratos da elite brasileira (1920-1940)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- \_\_\_\_\_. Jorge Luis Borges: história social de um escritor nato. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 77, p. 155-182, 2007a.
- \_\_\_\_\_. O chão e as nuvens: ensaios de Roberto Schwarz entre arte e ciência. In: Cevasco, M. E.; Ohata, M. (Orgs.). *Um crítico na periferia do capitalismo: reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007b.
- \_\_\_\_\_. *A elite eclesiástica brasileira: 1890-1930*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009a.
- \_\_\_\_\_. Mário de Andrade: a invenção do moderno intelectual brasileiro. In: Botelho, A.; Schwarz, L. (Orgs.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e 1 país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009b.
- \_\_\_\_\_. Voz, sexo e abismo: Alfonsina Storni e Horacio Quiroga. *Novos estudos Cebrap*, São Paulo, n. 97, p. 83-113, 2013.
- MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. Práticas de gênero e carreiras políticas: vertentes explicativas. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 18, n. 3, p. 653-679, 2010.
- NEIBURG, F. Ciências sociais e mitologias nacionais: constituição da sociologia na Argentina e a invenção do peronismo. *Anuário Antropológico*, Brasília, v. 94, p. 189-225, 1995.
- OFFERLÉ, M. Entrées en politique. *Politix*, Mont-Saint-Guibert, v. 35, p. 3-5, 1996.
- OLIVEIRA, M. G. Quem tem medo da ilusão biográfica? Indivíduo, tempo e histórias de vida. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 429-446, 2017.
- PASSERON, J.-C. A encenação e o corpus: biografia, fluxos, itinerários, trajetórias. In: PASSERON, J.-C. *O raciocínio sociológico: o espaço não popperiano do raciocínio natural*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- PAVÃO, A. Carreira de usuários da cultura escrita e formação de professores: um ensaio etnográfico. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 23, n. 49, p. 255-285, 2017.

- PENEFF, J. Les grandes tendances de l'usage des biographies dans la sociologie française. *Politix*, Mont-Saint-Guibert, v. 7, n. 27, 1994.
- PERISSINOTO, R.; COSTA, L. D.; TRIBESS, C. Origem social dos parlamentares paranaenses (1995-2006): alguns achados e algumas questões de pesquisa. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 22, p. 280-313, 2009.
- PERISSINOTTO, R. et al. Redes sociais e recrutamento: o caso dos diretores e presidentes do Banco Central do Brasil (1994-2016)". *Tempo Social*, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 61-82, 2017.
- PONTES, H. Beleza roubada: gênero, estética e corporalidade no teatro brasileiro. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 33, p. 139-166, 2009.
- \_\_\_\_\_. Corpo iluminado: Cacilda Becker e o teatro moderno. *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro, v. 47, p. 30-35, 2011.
- \_\_\_\_\_. Mariazinha e Verônica: classe e gênero nos palcos da metrópole. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 97, p. 149-166, 2013.
- PONTES, H.; MICELI, S. Memória e utopia na cena teatral. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 2, p. 241-263, 2012.
- QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: VON SIMSON, O. M. *Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil*. São Paulo: Vértice, 1988. p. 14-43.
- REIS, E. T. Saberes em movimento: transações entre "intelectuais", definições de ciências sociais e a "política". In: SEIDL, E.; GRILL, I. G. *As ciências sociais e os espaços da política no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2013.
- \_\_\_\_\_. Um tipo diferente de diferença na elite política: perfis políticos e inserções culturais de parlamentares brasileiras. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 43, p. 233-263, 2014.
- \_\_\_\_\_. Trajetórias, espaços e repertórios de intervenção política. Porto Alegre: Zouk, 2015.
- REIS, E. T.; GRILL, I. G. *Estudos sobre elites políticas e culturais: reflexões e aplicações não canônicas*. São Luís: Edufma, 2016. v. 2.
- \_\_\_\_\_. Estudos de elites políticas e as bases das multinotabilidades no Brasil. *Tempo Social*, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 137-159, 2017.
- REIS, J. C. *Escola dos Annales: a inovação em história*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- Rial, C. Rodar: a circulação internacional de jogadores de futebol brasileiro no exterior. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 21-65, 2008.
- RODRIGUES, L. M. Fernando Henrique Cardoso: a ciência e a política como vocação. In: Botelho, A.; Schwarcz, L. M. (Orgs.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

- SANTOS, A. M. Nas fronteiras do campo político: raposas e outsiders no Congresso Nacional. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 33, p. 87-101, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Não se fazem mais oligarquias como antigamente*: recrutamento parlamentar, experiência política e vínculos partidários entre deputados brasileiros [1946-1998]. 2000. 259 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- \_\_\_\_\_. Sedimentação de lealdades partidárias no Brasil: tendências e descompassos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 16, n. 45, p. 69-83, 2001.
- SANTOS, H.; OLIVEIRA, P.; SUSIN, P. Narrativas e pesquisa biográfica na sociologia brasileira. *Civitas*, Porto Alegre, v. 14, n. 2. p. 359-382, 2014.
- SAWICKI, F. *Les réseaux du Parti Socialiste*: sociologie d'un milieu partisan. Paris: Belin, 1997.
- SCHÜTZ, A.; LUCKMANN, T. The structures of the life-world. London: Heinemann, 1973. v. 1.
- SCOTTO, M. G. O visível e o invisível: considerações sobre uma candidatura. *Comunicações do PPGAS/MN*, Rio de Janeiro, v. 5, p. 21-38, 1995.
- SEIDL, E. Elites militares, trajetórias e redefinições político-institucionais (1850-1930). *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 16, n. 30, p. 199-220, 2008.
- \_\_\_\_\_. Uma elite pouco (re)conhecida: o episcopado brasileiro. *Tempo Social*, v. 29, n. 3, p. 35-60, 2017.
- SEIDL, E.; GRILL, I. G. As ciências sociais e os espaços da política no Brasil. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2013.
- SIMIONI, A. Paula Cavalcanti. As mulheres artistas e os silêncios da história: a história da arte e suas exclusões. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 11, p. sn-si, 2007a.
- \_\_\_\_\_. Regina Gomide Graz: modernismo, arte têxtil e relações de gênero no Brasil. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, v. 45, p. 87-106, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Profissão artista*: pintoras e escultoras acadêmicas brasileiras. São Paulo: Edusp, 2008.
- SORÁ, G. Os livros do Brasil entre o Rio de Janeiro e Frankfurt. *BIB: Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, n. 41, p. 3-33, 1996.
- \_\_\_\_\_. A arte da amizade: José Olympio, o campo de poder e a publicação de livros autenticamente brasileiros. *Antropolítica*, Niterói, n. 30, p. 49-71, 2011.
- THOMPSON, P. *A voz do passado*: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VELHO, G. Becker, Goffman e a antropologia no Brasil. *Sociologia: Problemas e Práticas*, Lisboa, n. 38, p. 9-17, 2002.

\_\_\_\_\_. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VELHO, G.; KUSCHNIR, K. Mediação e metamorfose. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 97-107, 1996.

VON SIMSON, O. M. *Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice, 1988.

WHIGHT MILLS, C. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

## Resumo

*Alusões biográficas e afirmação dos estudos de trajetórias: reflexões sobre usos flexíveis*

As “biografias” ocupam estatuto incerto, ambivalente e polissêmico no âmbito das ciências humanas e sociais. Neste artigo, mapeamos tendências na produção recente das ciências sociais brasileiras, retomamos alguns pressupostos teóricos e metodológicos preponderantes, bem como indicamos seus principais porta-vozes no Brasil. Tais procedimentos permitiram observar: as oscilações históricas, disciplinares e temáticas, que pesam nas alusões biográficas mobilizadas em diferentes empreendimentos metodológicos (como nas histórias de vida e orais; estudos de carreiras e de trajetórias); a oposição entre abordagens mais subjetivistas de construção biográfica e aquelas mais objetivistas de uso de dados biográficos; e a consagração da noção de trajetória e das referências a Pierre Bourdieu, com variados tipos de apropriação.

**Palavras-chave:** Biografia; Trajetória; Carreira; História de Vida; História Oral.

## Abstract

*Biographical allusions and affirmation of trajectory studies: reflections on flexible uses*

The “biographies” occupy uncertain, ambivalent and polysemic status within the human and social sciences. In this article, we mapped trends in Brazilian social sciences’ recent production, resumed some prevailing theoretical and methodological assumptions, as well as pointed out its main spokesmen in Brazil. These procedures allowed us to observe: the historical, disciplinary and thematic oscillations that weigh in the biographical allusions mobilized in different methodological enterprises (as in the life history and oral history, studies of career and trajectories); the opposition between more subjectivist approaches of biographical construction and those more objectivist of using biographical data; and the establishment of the notion of trajectory and references to Pierre Bourdieu, with various types of appropriation.

**Keywords:** Biography; Trajectory; Career; Life history; Oral History.

## Resumé

*Allusions biographiques et affirmation des études de trajectoires : réflexions sur les usages flexibles*

Les « biographies » ont un statut incertain, ambivalent et polysémique dans le contexte des sciences humaines et sociales. Cet article vise à dresser l’inventaire des tendances dans la production récente des sciences sociales brésiliennes, à reprendre certains présupposés théorico-méthodologiques prépondérants et à mettre en lumière leurs principaux porte-parole au Brésil. Partant de là, il a été possible d’observer : les oscillations historiques, disciplinaires et thématiques qui touchent les allusions biographiques présentes dans différentes entreprises méthodologiques (comme dans les histoires de vie et à l’histoire orale; les études de carrières et de trajectoires); l’opposition entre des approches plus subjectivistes de construction biographique et celles plus objectivistes d’utilisation de données biographiques; et la reconnaissance de la notion de trajectoire et des références à Pierre Bourdieu, avec plusieurs types d’appropriation.

**Mots-clés:** Biographie; Trajectoire; Carrière; Histoire de Vie; Histoire Orale.